REBOUND
POESIAS
A 467028 DUPL
D. Delfina Benigna da Cunha.
869.8
C967
1838
DE JANEIRO,

POESIAS

OFFERECIDAS

ÁS

SENHORAS RIO-GRANDENSES,

POR SUA PATRICIA

D. Delfina Benigna da Cunha.

RIO DE JANEIRO,

Typographia Austral, Beco de Bragança, N. 15.

1838.

AOS LEITORES.

Não he a gloria quem me convida a fazer a presente publicação: nem posso ter pretenções a louvores; a minha obra os não merece, disso tenho consciencia. Qual será, pois o motor da audacia com que ao Publico offereço meus versos? Leitores he a — necessidade! — A necessidade he o meu amor proprio, eu nem posso ter outro. Filha do Rio Grande, ahi, nos estragos geraes, eu padeci, e padeci muito: foi-me forçoso recolher ainda huma vez ao Rio de Janeiro: mas preciso viver! Tenho precisão de recursos, e eu peço recursos, offerecendo em troca o unico trabalho de que he capaz quem he céga desde o berço!

Este pensamento he o unico que devia estampar no frontispicio desta obra, assim o fiz.

SONETO.

Em versos não cadentes, oh leitores,
Vereis os males meus, vereis meus damnos:
Da primavera as galas e os verdores
Não brilhárão p'ra os meus primeiros annos.

Mesmo n'infancia exp'rimentei rigores
De meus fados crueis sempre inhumanos,
Que só me destinárão dissabores,
Mil males revolvendo em seus arcanos.

Sem auxilio da luz, que o sol envia,
Versos dinos de vós tecer não posso;
Desculpai minha ousada fantasia.

Com estes cantos meus, mortaes, adoço
A magoa que o meu estro só resfria:
Se merito lhe dais, he todo vosso.

SONETO

Feito ao Ill.mo Sr. Antonio José Affonso Guimarães.

Dadivas pias o pezar desterrão,
E as almas nobres esta gloria gostão.

Que dirá, terno Aonio, em teu louvor
Minha voz ao queixume acostumada?
Desejara vêr hoje renovada
Minha antiga alegria e meu ardor.

Para louvar em metro sup'rior
As virtudes d'essa alma bem formada,
Que de prazeres mil sendo cercada,
Ouvidos soube dar ao meu clamor.

Teu coração, Aonio, he terno, he brando,
Provão tuas acções hum ser superno:
Em quanto vil canalha murmurando,

Monstro se torna do Tartareo Averno,
Tu virtudes immensas praticando,
Enches teus dias de louvor eterno.

SONETO

Feito por occasião dos annos da Ill.ma Sra. D. Anna Raquel da Cunha.

N'este dia ditoso amor exulta ,
De Analia o doce nome repetindo,
E milhões de triumphos conseguindo
Quanto a elle se oppõe, aos pés sepulta.

Ufano diz: o imperio meu me avulta,
E vou aos mais imperios destruindo,
Analia louva amor, e Apollo ouvindo
Esbraveja de inveja, e a nós se occulta;

Sómente por não ver sua belleza
Por Analia gentil toda eclipsada,
Fingio desamparar a redondeza.

Sobe aos Céos, e de lá mesmo nos brada:
« Analia vence á humana gentileza,
« De brilhantes virtudes escoltada.

SONETO

Aos annos do Sr. Antonio José de Araujo.

Tu, dos amores suspirado encanto,
Aonio divinal, vate sublime,
Escuta o louvor meu, que mal exprime
Da sagrada amizade o fogo santo.

Teu dia natalicio, Aonio, eu canto;
Tão alto assumpto me arrebate e anime:
E o delio côro, que jámais se exime
De louvar-te, fará que eu possa tanto:

Suaves Musas, afagai meu plectro,
Para q' eu possa tão faustoso dia
Dignamente cantar em doce metro.

Aonio, Apollo que meus passos guia,
Me franquea tambem o delio sceptro;
Vê qual he teu poder, tua valia.

SONETO

Ao mesmo Sr., despedindo-se a Autora do Rio de Janeiro para a sua Provincia.

Adeos, Aonio, adeos, he pois forçoso
Separar-me de ti, oh que agonia!
Eu encaro tremendo a ausencia impia,
Que rallar vai meu peito lastimoso.

Teu terno coração sempre extremoso,
Sensivel á amorosa sympathia,
Quando meu coração pranto vertia,
Tambem vertia pranto amarguroso:

Mas d'este bem privar-me quer a sorte:
Cumpra-se a dura lei do fado imigo,
Que a seu despeito espero a fera morte.

Tu , oh filha da ausencia, sê comigo,
Saudade insaciavel, triste e forte,
Que eu só desejo agora estar comtigo.

SONETO

Ao mesmo Sr. A. J. de Araujo.

De immensos dons teu ser abrilhantado
Por celeste poder ao mundo veio :
Para gloria de amor, de amor recreio,
Aonio divinal, foste formado.

Na tua infancia, com mellifluo agrado,
Venus te unia brandamente ao seio:
Seu terno coração, de prazer cheio,
Se mostrava por ti todo abrasado.

Cresceste, Aonio, e as gentís Caménas
Por darem aos teus dons maior valia,
Das suas azas te doárão pennas;

Cisne na voz, na doce melodia,
Vôas ao Pindo, os males meus serenas
Em honra e gloria de tão fausto dia.

SONETO

Por occasião da morte da Mãi da Autora.

Horridas sombras, copioso pranto!
Sêde minha constante companhia:
Perdi materno amor, oh! magoa impia,
Que era dos dias meus suave encanto.

Envôlta em triste, em lutuoso manto,
Eu me debruço sobre terra fria,
Onde repousa a virtuosa Armia,
E mal posso soltar funereo canto.

Quem era já não sou; mortal tristeza
Enche meus dias de sombrio luto,
Deserta sinto toda a natureza.

Minha dôr, minha magoa só escuto;
E da magra saudade infausta preza,
Meus ais, meu pranto á cara mãi tributo.

SONETO

Ao mesmo assumpto.

Alma sensivel, virtuosa, e boa,
Meus ais attende lá da clara altura,
E se ainda sou tua creatura
Do summo pólo em meu soccorro vôa.

Em meus ouvidos tua voz já sôa,
Como que sinto a singular doçura,
De tua amante maternal ternura,
Hum dos teus dotes por que o Céo te c'roa!

Ensina-me a adoçar esta existencia
(Que sem ti se me torna mais amarga),
Confiando na Sabia Providencia:

Todo o affecto terrestre em mim apaga,
E despindo-me assim da humana essencia,
Junto a ti, junto a hum Deos, me acolhe e afaga.

SONETO

A' Illma Sra, D. Delfina B. da Cunha.

Estro sublime te doárão numes,
D'Olimpico fulgor todo abrazado,
Vencendo as duras leis d'injusto fado
Tentas da gloria os magestosos cumes.

Por ti magoas d'amor, d'amor queixumes
Tornão-se risos d'almo ardor sagrado.
E no plectro gentil, divinisado
O dom compensas dos extinctos lumes.

Rapidos versos deslisando em breve,
Ricos thesouros te franquea a mente,
Que pela mão da natureza obteve.

Tudo teu genio sup'rior ressente,
E na sorte feliz que honrar-te deve
Dás gloria á patria, que te chora ausente.

Por J. A. C.

SONETO

Em resposta ao precedente pelos mesmos consoantes.

Por ti, vate immortal, nuncio dos numes,
Meu grato coração todo abrasado
Em chamas pulcras, por honrar teu fado,
Do Parnaso e do Pindo subo aos cumes.

Não ouvirás jámais de amor queixumes;
Cantarei teu louvor, genio sagrado,
Absorta em teu som divinisado
Da etherea corte já pressinto os lumes.

Decantado por mim serás em breve,
Deixa que Apollo me illumine a mente,
Co'o sacro fogo que de Jove obteve.

Divinos dons minha alma em ti ressente,
O mundo hum semi-deos chamar-te deve,
Pois não podes d'Olimpo estar ausente.

SONETO.

Vai, retrato fiel; viver unido
Ao peito, a quem meu peito unir quizera,
Vai, que meu coração sómente espera
Achar remedio no final gemido;

Romper o laço, que amor tem urdido
Não póde a humana força: ah! se eu podéra!
A causa se extinguira, que em mim gera
Hum mal, que o meu valor tem abatido.

Dize, oh copia fiel do meu semblante,
Quando chegares de Filena ao peito:
Que por ella suspiro a cada instante;

Que será por mim sempre satisfeito
O protesto que fiz de ser constante,
Sobre as aras de amor, por ella acceito.

SONETO

A S. M. I. o Senhor D. Pedro I.

O ———

Quem te falla, Senhor, quem te saúda
Não vê raiar de Febo a luz brilhante;
Dá-lhe pio agasalho hum breve instante,
Seu fado imigo, em brando fado muda:

A sustentar o peso assás lhe ajuda
De huma vida, que á morte he semelhante,
Não chegue a ser afflicta mendigante
Quem a hum tal protector roga lhe acuda,

He por ti que eu espero ser contente,
E supponho, Senhor, que não me illudo,
De tua alma a piedade está patente:

Que tenho em Pedro o grande um fort' escudo,
Creio, folgo, e afirmo afoutamente,
Que és pai, és bemfeitor, és nume, és tudo.

SONETO

Por Gratidão ao mesmo Augusto Senhor.

Oh, inclito imperante, eis-me prostrada
A teus pés abatida e respeitosa,
Beijando a divinal mão dadivosa,
Que a vida me tornou menos pesada.

Tua alma de virtudes adornada
Comigo se ha mostrado tão piedosa,
Que bem posso zombar da sorte irosa,
Tendo minha esperança em ti fundada.

Apenas o meu triste mal soubeste,
Egregio Imperador d'alta memoria,
Tornar-me venturosa, em fim, quizeste:

Tua fama, Senhor, he já notoria,
O teu nome immortal fazer podeste
Dando nome ao Brazil, ao mundo gloria.

SONETO

Ao mesmo Augusto Senhor, agradecendo outro beneficio.

Abrazada por ti n'hum fogo intenso,
Minha alma exulta, e de prazer se inflamma;
E o gozo, que nas vozes se derrama,
A todos conta teu favor extenso:

A ti da gratidão vôa o incenso,
Por mim lançado na mais pura chama:
Esmalte do Brazil, honra da fama,
Maravilha do céo, numen immenso.

Se eu do tracio cantor tivera a lyra
Cantára os feitos teus em dellio verso;
Porém meu estro em vão a tanto aspira.

Foi vencido por ti meu fado adverso,
Completa paz minha alma hoje respira,
E tu, Senhor, sem par és no Universo.

SONETO

Ao mesmo Augusto Senhor.

Que he isto coração? quanta ventura
Desfructo neste dia auri-fulgente!
Vejo o sabio Imperante affavelmente
Acolher teus suspiros de amargura:

Seu nobre coração, sua alma pura
Me anima, me promette gloria ingente,
Qual era já não sou: quão de repente
Se mudou minha sorte infausta e dura!

Benigno rosto para mim voltando,
O excelso, o immortal Pedro Primeiro,
Me vai da vida as magoas adoçando:

Tu és monarcha, oh genio brasileiro,
E aos mundos dous prudentes leis ditando,
Assombro causas ao universo inteiro.

SONETO

Á infausta morte de S. M. a Imperatriz D. Leopoldina.

Afouta piza o regio pavimento
A morte austera cruelmente armada.
Ai de nós! ella só vem conspirada
Contra quem de virtudes he portento.

Emprega o golpe teu, monstro cruento,
No vicio rude, na traição malvada,
E deixa-nos gosar a prenda amada,
Que para nós baixou do ethereo assento.

Mas que digo! ai de mim! o geral pranto
Me annuncia do mal toda a fereza,
Vejo sobre o Brazil opáco manto;

Suspira e chora a madre natureza
E a sabia Imperatriz, do mundo encanto,
Volveo ao Céo, deixando a redondeza.

SONETO

Feito por occasião da volta da Autora ao Rio de Janeiro, a S. M. I.

A ti corro, Senhor, porque vivia
Saudosa por beijar-te a Mão Augusta,
O temido oceano não me assusta,
Nem me assusta d'Eólo a valentia:

Despreso o seu furor com ousadia,
Porque longe de ti viver me custa;
Tua presença amavel e venusta
Novo estro me dá, nova harmonia.

Vês, Senhor, como vem de varias terras
Correndo a ti, mil gentes sem ventura?
He porque alta virtude em ti encerras.

Tua alma bemfazeja, terna, e pura
Evita torpes, intestinas guerras,
E a gloria dos teus torna segura.

SONETO

Por occasião do Consorcio de S. M. I.

Apar de hum coração, como o de Pedro,
Os diademas que são? que vale o Mundo?
NOVA CASTRO.

Imperio vasto, rico, e florescente,
Incentivo não he d'alta valia,
Perante huma alma, generosa, e pia,
Que de virtudes tem dom eminente,

Excelsa Amelia, o encanto refulgente,
Que aos teus formosos olhos alicia,
He dadiva do Céo, que o Céo te envia,
Sublime e pura, de valor ingente;

Almos prazeres te prepara a sorte,
O facho do Hymenêo se accende ao lume
Do mais ardente amor, do amor mais forte;

Tocaste, Amelia, da grandeza o cume,
O heróe, que o céo te deu para consorte,
He mais que Imperador, he pai, he nume.

SONETO

A S. M. F. a Senhora D. Maria II, por occasião de sua primeira hida para a Europa.

Para sempre, ai de nós! Rainha augusta,
Deixas os patrios lares tão queridos,
E a gloria que vais dar a povos fidos,
Aos fidos Brazileiros quanto custa!

Do mar, do vento a ira nos assusta,
Mas já por ti não somos attendidos;
Sôão d'aqui, d'ali tristes gemidos,
Nossa dôr e saudade ah como he justa!

O patrio rio, que vaidoso ondeava
Ufano com teus dons, queixoso agora,
A margem triste com seu pranto lava:

Do excelso pai o rosto se descóra,
E o Brazil, que contente te encarava,
Triste e saudoso te suspira, e chora.

SONETO

Ao Natalicio de S. M. I. o Senhor D. Pedro I.

Teus feitos, o' Gram Rei d'eterna fama,
Te erguem padrões e estatuas permanentes,
Canta tuas acções alti-potentes
A voz que pelo mundo se derrama.

A bem dos teus o teu valor s' inflamma,
E os torna, Senhor, independentes,
E ao Brazil, dando luzes refulgentes,
Por seu Imperador eis que te acclama.

Oh Pedro invicto! Tua gloria he vasta,
Não a deslumbra o tempo, nem a altera;
Estatuas e padrões o tempo gasta.

Curvo porvir o nome teu venera,
E para encher de gloria ao mundo basta
Que este dia Immortal brilhe na esphera.

SONETO

A S. M. I. o Senhor D. Pedro II, quando Principe Herdeiro.

Preclarissimo heróe, de heróes nascido,
Astro lusente, que o Brasil vigora,
Oh Principe immortal, tu és a aurora
De hum ridente futuro esclarecido;

Em cada coração já tens erguido
Hum firme trono, que em amor se escóra;
A' sombra paternal recebe agora
Puros cultos de hum povo agradecido.

Pedro invicto, o melhor dos soberanos,
Deu-te o ser; e pois és do trono o herdeiro,
A teu mando terás povos ufanos,

Verás prostrada a Ursa ante o cruzeiro,
E em quanto se não volvem longos annos,
Em paz prospera, oh astro brasileiro.

SONETO

Aos annos do Sr. Manoel Marque de Souza.

Das vitreas lapas os delfins sahindo,
Brincão, Elmano, nos ceruleos mares;
Sonoros hymnos pelos mansos ares
Vão os meigos amores repetindo.

As nove deosas do Parnaso e Pindo,
Prestes buscando teus ditosos lares,
Estão, ao som de versos singulares,
Virentes c'rôas para ti urdindo.

Numes e deosas teu natal louvando,
Por mando d'esse que no Céo habita,
Vão mil prazeres sobre nós mandando.

Jove a prol dos mortaes te felicita,
E comtigo mil graças dispensando,
No resto dos mortaes inveja excita.

SONETO

Ao mesmo Senhor.

Abrasada por ti na delia chamma
Minha musa em teus dotes se extasia,
E Apollo emprestando-lhe harmonia
No justo louvor teu todo se inflamma.

Nas cem canóras tubas, alta fama
Entre applausos teu nome pronuncia;
Vê, Elmano gentil, neste almo dia,
Que fulgor pelo mundo se derrama.

Em teu favor Minerva, Amor, e Marte,
Promovendo teu bem, tua ventura,
Te apregoão sem par por toda a parte.

Sensivel coração deu-te a natura,
E honrando a natureza, o Céo quiz dar-te
Alma nobre e completa formosura.

SONETO

Ao Dia Sete de Setembro.

MOTE.

O dia que faz honra á nossa Historia.

Por mais de seculos tres, Brasil querido
Dormiste, apezar teu, hum somno ignavo
Como Lysia infeliz, tu foste escravo,
E dos mesmos senhores possuido.

Mas hum raio de luz do Céo descido
Te desperta, e te faz punir o aggravo,
Mostrando ser qual és, gigante bravo,
Juras, protestas não ficar vencido:

Triumphaste oh Brazil! d'esse pesado
Jugo, de quem lamento inda a memoria,
Oh Sete de Setembro afortunado!

Com hymnos de prazer, com alta gloria
Verás oh patria! sempre decantado
O Dia que faz honra á nossa Historia.

SONETO

Ao mesmo.

Foi marcada por mão de um Deos immenso,
Oh pomposo Brasil! a tua sorte;
Grita Ypiranga « *Independencia ou morte!* »
E este grito soôu no espaço extenso.

Raivoso treme o despotismo infenso;
Porém só lhe obedece Ursa do Norte,
Que o povo do cruzeiro n'hum transporte
Por ser livre se abrasa em fogo intenso.

Arvora-se o pendão da Liberdade;
Firma-se então a Brasileira gloria,
Systemada por mão da Divindade:

Já não he nossa dita transitoria;
Terá lugar na immensa eternidade
O Dia que faz honra á nossa Historia.

SONETO

Por occasião da entrada do Exercito Libertador na Cidade do Porto.

Raiou alfim o venturoso dia
Por quem oppressa Lyzia suspirava!
E o tiranno, que os pulsos lhe algemava,
Baquea ao nome da immortal Maria.

O magnanimo herôe com ousadia
Avança ás praias que o gram Douro lava,
E a mão, que outr'ora o sceptro sustentava,
A bem da patria a espada dirigia.

Exulta de prazer, nação briosa,
Já tens constituição, tens liberdade,
E a excelsa Rainha virtuosa:

A promessa d'hum Deos falhar não ha-de;
Tu serás, ó nação, sempre ditosa,
Em quanto houverem mundo e eternidade.

SONETO

A S. M. I. o Senhor Duque de Bragança.

Tu és o pai da patria, oh Pedro invicto!
Que o povo salvas da oppressão, da morte:
Tu que a luz da razão só tens por norte,
És mais em Lyzia do que em Roma Tito!

Penetra o peito meu da fama o grito,
Que o teu nome repete com transporte,
Mostrando quanto és justo, sabio e forte;
Diz de ti, o que d'outrem não ha dito.

Oh Pedro egregio! oh immortal guerreiro!
Teu animo e valor excede a tudo
Quanto ha de grande pelo mundo inteiro!

Quem te iguale não ha, eu não me illudo:
Oh principe sem par! heróe primeiro!
Cá do meu patrio solo eu te saúdo.

SONETO

Por occasiaõ da retirada do Sr. Manoel Antonio Galvaõ, Presidente d' esta Provincia para a Côrte.

D'entre os dias de ferro estraes os d'ouro,
E na gloria dos teus viceja a tua.
D. G. F. C. Coutinho.

Oh magnanimo heróe, Galvão preclaro,
Qu'exemplos mil nos dás de sã prudencia ,
Bem demonstras que a sabia Providencia
Teu ser enriqueceu d'hum genio raro:

Prestando ao infeliz seguro amparo,
Jámais negaste ás leis obediencia;
Vejo em ti singular beneficencia,
Quando o teu proceder sisuda encaro;

Tua ausencia, Senhor, quanto nos custa!
Fizeste d'este Povo a gloria, a dita,
Ao doce abrigo teu nada o assusta ;

Teu saber nossos damnos prompto evita;
Nossa dôr, e saudade, ah! como he justa!
Tu salvaste do abysmo a Patria afflicta.

SONETO

Quem como tu, Elmano, agradar póde
Ao terno sentir meu tão delicado;
Teu trato melindroso, o teu agrado
Faz com que tudo hoje me incommode:

Se teu genio sensivel não me acode,
Em tão penoso e miserando estado,
Meu debil ser verás anniquilado
Por esse mal, que a sorte quer que rode.

Do mundo o resto me magôa, e cança,
Só tu me dás prazer, gentil Elmano,
Fazendo renascer minha esperança.

Mas ai de mim! se acaso por meu damno
Em teu sensivel peito houve mudança,
Extingue com a vida o mal tyranno.

SONETO.

Inquires por quem gemo? Acaso ignoras
Que por ti suspirei, que inda suspiro?
E por mais que pesquise só infiro,
Que rís d'huma infeliz, que a não deploras?

Zombas, cruel, da triste que penhoras
Com agrado fingido: ah! que profiro!
Ludibrio sou de Elmano, e não expiro!
Porque, oh Parca, o golpe teu demoras?

Vem findar meu tormento acerbo e duro,
A vida que presei me afflige e cança;
Sê, oh morte, propicia ao meu conjuro.

Não exijo ao meu mal crua vingança;
Elmano, sê feliz, goza seguro
Na posse de teu bem doce alliança.

EPISTOLA

Á Illm. Sra. D. Lucinda Benigna da Cunha.

Oh dia a amor, ás graças consagrado ,
Eu te saúdo, cheia de alegria,
Por ti, dia feliz, dia ditoso
Os annos de Lucinda se assignalão:
Se o debil estro meu podesse tanto ,
Em mais cadentes versos te louvára ;
Porém a arte de todo me fallece,
Sómente me auxilia a natureza,
Que para empresas altas nada vale,
Quando a esta lhe falta honesto estudo.
Sempre nos olhos meus borbulha o pranto,
Minhas vozes á queixa acostumadas
Não podem entoar sonoros hymnos .
Mas hoje cessa o pranto, as queixas cessão.
Oh prodigio sem par! doce amizade!
Tu pódes quanto queres na minh'alma
Só tu pódes fazer-me venturosa,
Só de ti meu socego está pendente.
Lucinda, doce encanto dos Pastores,
Para gloria do mundo tu nasceste ,
De celestes virtudes adornada;
Semi-divina na belleza, e n'alma,
Não conheces igual na redondeza;
Eu nada mais desejo, a nada aspiro
Senão eternisar os teus louvores;
Minha gloria consiste em que os vindouros
Conheção que és sem par entre os humanos.
Oxalá que eu podesse eternizar-te;
Porém meus versos não, não podem tanto;
Suppra o desejo o que no metro falta.

EPISTOLA

Em resposta a outra que lhe dirigio a Illm. Sra. D. Maria Josefa Barreto Pereira Pinto.

Oh Sapho brazileira, eu libo o nectar
Nos magos versos teus, que me enviaste!
Ha muito o nome teu prezar sabia,
Mas hoje ouço teus sons, que me arrebatão,
E submissa te adoro e te saúdo.
Diva no canto, coração e mente,
A mente e coração, que me eternisão
Que a sincera oblação votada aos numens
Me permittem, me dão de mui bom grado:
Oh! musa Brazileira! eu te bemdigo,
E, abrazada por ti em chammas pulcras,
Da sacra gratidão ressinto o preço,
E o prazer fraternal que ora desfructo
Com estas chammas mais e mais recresce.
O bem de ouvir-te, Armia, irmana, iguala
A' ventura de ver o irmão querido
Nos braços da consorte desfructando
O celeste prazer, que vale a vida:
Os teus versos a gloria me accrescentão
E me julgo por ti levada ao Pindo;
Entre mil vivas o teu nome escuto,
E o delio deos te dá de vate o nome,
E as musas ao depois te offertão rosas.
Brilha entre as flores, que alcançar soubeste,
Egregio vate, de sublime gloria,
E acceita os cultos meus, puros, manados
Mf santa gratidão, que me avassalla.

OITAVAS

Feitas por occasiaõ em que fez hum anno D. Maria Balbina da Cunha, sobrinha da Autora.

MOTE.

Brilha, prospera, oh filha muito amada,
Que d'alto céo roubaste hum dom divino
Para ser summamente afortunada.

GLOSA.

Marilia bella, que entre os doces braços
Da carinhosa mãi vives contente,
Já começas a dar tremulos passos,
Tão linda, como amavel e innocente;
Prasa ao Céo que não sintas ameaços
Do rigoroso fado omnipotente,
E de prazeres mil assás cercada
Brilha, prospera, oh filha muito amada.

As graças infantis, que estão brilhando
Com mui raras bellezas de mistura,
Nos estão mudamente insinuando
Que em ti existe huma alma terna e pura;
Ella no rosto teu se está pintando
Com toda sua natural brandura:
Tu és em tudo rara, e eu imagino
Que d'alto Céo roubaste hum dom divino.

Com mil prazeres teu natal faustoso
Se celebra entre nós neste aureo dia;
Bem-digamos o justo Céo piedoso,
Que assim nos concedeu tanta alegria.
Meu terno coração esperançoso
Mil constantes venturas te annuncia,
Pois me parece que foste creada
Para ser summamente afortunada.

OITAVAS

Feitas por occasião dos felizes annos da Illm. Sra. D. Lucinda Benigna da Cunha.

Eia! Caliope agora pois me inspira
Os hymnos de louvor que cantar devo,
Torna branda e sonóra a minha lyra,
Que assim rouca a pulsal-a não me atrevo:
O assumpto he grave, e o mundo o admira,
Em minha mente núa eu o descrevo;
Ensinai-me a cantal-o, vem oh Musa,
Vem, pois, que a rogos taes ninguem se escusa.

O dia festival, ledo e jucundo
Louvar aspiro, cumpra-se o desejo.
Quantas graças encerra em si o mundo
Em Lucinda gentil unidas vejo:
Oh! de graças prodigio sem segundo,
Presta-me o influxo teu, e de sobejo,
Brilho terá meu éstro enfraquecido
Que por desgraças mil he combatido.

Oh prodigio sem par de formosura,
De saber e virtudes adornada,
Em formar a tua alma o Céo se apura,
E estou de contemplar-te extasiada.
Não quero possuir outra ventura,
Para ser summamente afortunada,
Senão ser por ti sempre distinguida,
E serei das desgraças redemida.

Plausivel dia, dia protegido
Pelo Céo, que venturas nos prepara;
Tu bem mereces ser o excluido
Por dar ao mundo huma belleza rara:

Serás pelos humanos applaudido ,
Pois o mesmo Céo justo vos ampara.
Nasceste na estação das bellas flores,
Das graças, da belleza, e dos amores.

A' mesma Senhora.

Lucinda, quatro lustros mais brilhantes
Te mostrão ao universo mais formosa;
Crê-me que nos angelicos semblantes
Não se mostra a virtude duvidosa,
Virtude cauta a todos os instantes,
Recresce na tua alma assás ditosa,
Igual nas perfeições da natureza
És hum raro portento de belleza.

OITAVA.

MOTE.

Da linda Analia o natal jucundo.

GLOSA.

Estro sublime, tomai hoje o plectro,
Cantai da bella Analia as sãs virtudes,
Em quanto eu vou louval-a em simples metro,
Ao que responderão as frautas rudes,
« Numen que do alto mar reges o sceptro,
« A louval-a tambem quero me ajudes;
« Porque quero festeje todo o mundo
« *Da linda Analia o natal jucundo*.

QUADRA.

Oh morte, porque não vens
Findar meus dias fataes?
Ausente vivo penando
Morrendo não peno mais.

GLOSA.

De que me serve a existencia,
Vivendo em continuo pranto,
Sem gosar o doce encanto
De hum puro amor por essencia?
Se encontro a morte na ausencia,
Tu, vida, me não convéns,
Amor, se só te entretens
Em me fazer desditosa,
Findar-me a vida penosa
Oh morte, porque não vens?

Vibra a foice assacallada,
Descarrega o golpe fero
Neste peito, que não quero
Viver assim desgraçada:
A minha alma apaixonada
Se nutre de pranto e ais,
Não consintas q'eu jámais
Da vida as prisões supporte,
Vem depressa, vem, oh morte,
Findar meus dias fataes?

Se o meu amor excessivo
De dia em dia recresce;
Se a ausencia o não desvanece;
Se com elle em pranto vivo,
Sem encontrar lenitivo
Suspiros aos Céos mandando;
Sempre, e não de quando em quando,
Eu maldigo o meu estado,
Pois por lei do injusto fado
Ausente vivo penando.

Oh morte, monstro cruento,
Seva em mim tua carnagem,
E do Letes na passagem
Eu esqueça meu tormento.
Suspiros de cento a cento
Que de meu peito voaes,
Hide ao melhor dos mortaes,
Dizei-lhe o que elle não crê,
Que intento morrer, porque
Morrendo não peno mais.

QUADRA.

Sobre mim, tyranna morte,
Descarrega o golpe teu;
Não he justo que mais pene
Hum infeliz como eu.

GLOSA.

Incerto vagava hum dia
Por hum bosque escuro e feio,
Eis que me sinto no seio
De gruta erma e sombria:
Ouço huma voz que dizia:
Comigo termina a sorte,
Mas sobre que peito forte
O meu golpe empregarei?
Intrepido eu lhe bradei:
Sobre mim, tyranna morte.

Clama ella: oh Céos! que escuto!
He homem que me não teme?
Eu lhe torno: he sim quem geme,
Sou eu que com males luto;
Pagar o commum tributo
He só o desejo meu:
Da ingrata que me offendeu
Esquecer procuro a offensa;
Neste peito sem detensa
Descarrega o golpe teu.

Sempre de penas cercado
Até agora hei vivido,
E tem amor fementido
Meus dias envenenado:
Assim passo amargurado
Suspirando por Pirenne,
Por mais que brade e qu' assene
Nega-me sempre attenção:
Oh morte, o meu coração
Não he justo que mais pene.

Extingue a paixão co'a vida,
Triumpha do Deos de amor,
Do teu calix o amargor
De certo não me intimida:
Nisto a morte endurecida
De compaixão signal deu,
Do seu rigor se esqueceu,
Por cumprir-se a lei da sorte;
Porque em vão implora a morte
Hum infeliz como eu.

QUADRA.

Os momentos que nos restão,
Linda Marcia, aproveitemos:
Momentos tão venturosos
Sabe o Céo quando teremos.

GLOSA.

Tu não vês como emmurchece
A rosa que ha pouco abrira?
Não sentes como suspira
Rola que ao bosque entristece?
Que tudo, oh Marcia, fenece
Flores, prados manifestão;
Em quanto se não funestão
Os meus dias mais os teus,
Passarás nos braços meus
Os momentos que nos restão.

Não te esquives, doce amada,
Ao meu amor excessivo:
Vê por ti n'hum fogo activo
Minha alma pura abrásada!
Se foges, prenda adorada,
Desgraçados viveremos:
Estes momentos que temos
De liberdade e de amor,
Dá-nos o Céo por favor,
Linda Marcia aproveitemos.

Não te deixes succumbir
Ao temor que as almas gela;
Attende só, Marcia bella,
Ao que amor nos faz sentir:
Vamos ternamente unir
Nossos peitos amorosos,
Sejamos ambos ditosos
De amor vivas provas dando,
Felizmente em paz gosando
Momentos tão venturosos.

Não te demores, querida,
Completa minha ventura;
No regaço da ternura
He doce passar a vida.
Ah! Marcia, não te intimida
Esse fado a quem tememos?
Ai de nós! Que não sabemos
O que elle nos destina!
Dias taes, Marcia divina,
Sabe o Céo quando teremos.

QUADRA.

Subi com a minha amada
Té onde ninguem nos vio;
As nuvens disserão « Basta,
Que até qui ninguem subio ».

GLOSA.

Ao templo de amor hum dia
Eu guiei Armania bella,
Guardando em mim com cautella
O que lá dizer queria:
Longe do templo se ouvia
ssa gente apaixonada;
rque amor franquea a entrada
odos sem distincção,
ella no turbilhão
om a minha amada.

He este edificio augusto
De desmedida grandeza,
Tem o busto da tristeza,
E tem do prazer o busto;
Aqui á imagem do susto
Tambem altar se erigio:
Longe amor nos conduzio
Desta imagem temerosa,
Fui com Armania ditosa
Tê onde ninguem nos vio.

Vimos o trono d'Amor
De argento e d'ouro esmaltado,
E de nuvens circulado
Que lhe augmentava o fulgor;
Seu aspecto encantador
Representa a esphera vasta:
Bem qual Rôla Armania casta
Ousada os degráos pisava,
E quando ás nuvens chegava
As nuvens disserão « Basta.

Torna Armania para o mundo,
Onde habita o teu amante;
Reflecte que neste instante
Sem ti está moribundo.
Este assento assás jucundo
Aos mortaes se prohibio:
Se amor não te consentio,
Ah! teme ser descuberta;
Volta, Armania, e fica certa
Que até qui ninguem subio.

QUADRA.

Gòsto de amar, vou amando,
Confesso minha fraqueza;
O crime não he só meu,
He tambem da natureza.

GLOSA.

Muito embora contra amor
Clamem mortaes desvairados;
Esses entes desgraçados
Vivem sempre em dissabor.
Huma flor, e outra flor
N'hum vergel ameno e brando,
Docemente propagando,
Nos dão lições amorosas;
Bem como as flores ditosas
Gósto de amar, vou amando.

Se a minha amada suspira
Por se vêr de mim apar,
Contente vou respirar
O ar que ella respira:
Mas se, enfadada, delira
De meu amor na incerteza,
Sinto em mim mortal tristeza,
Que não posso disfarçar,
Chego de magoa a chorar,
Confesso minha fraqueza.

Quando em laços preciosos
Amor aos humanos liga,
Com doçura lhes mitiga
Da vida os males ruinosos.
Mil instantes deleitosos
Já amor me concedeu,
Vi, oh bella o rosto teu,
[illegible] *de* amor abrazar-me;
[illegible] *como* réo vão julgar-me,
[illegible]*rime não he só meu.*

Eu não fiz mais que seguir
Da natureza o dictame,
E se hum Deos não quer qu'eu ame,
De amar me póde eximir:
Eu sei que o dom de sentir
Provém de sua grandeza;
Mas se do mundo a fereza
De amar hum crime tem feito,
Não he só meu o defeito,
He tambem da natureza.

QUADRA.

No regaço da amizade
Onde amor seu berço tem,
A's vezes morre a esperança
Sem qu' amor morra tambem.

GLOSA.

Se no mundo existe hum bem
Que seja de gram valia,
He de amor a sympathia
Que aos mortaes ligado tem:
De seu encanto provém
O poder que persuade;
E se sincera vontade
Nós lhe vamos entregar,
Elle nos faz descançar
No regaço da amizade.

Eu vejo mortaes errados
Praguejando o deos de amor,
Accusando-o de traidor,
Maldizendo injustos fados;
Protestando allucinados
Tratar amor com desdem:
A estes jámais convém
O sentir a chamma pura,
No regaço da ternura
Onde amor seu berço tem.

Distante do caro objecto
Das nossas inclinações,
Nossos ternos corações
Nutrem de amor o affecto:
Suspirando o peito inquieto,
Da sorte espera a mudança;
Mas, oh! funesta lembrança
Do tormento mais ferino!
Por força d'impio destino
A's vezes morre a esperança.

Quando amor se gera e cresce
N'hum coração extremoso,
Em vão o fado impiedoso
Contra elle se enfurece;
Esta chamma mais recresce
Se apagal-a busca alguem;
Póde fenecer o bem
Que nasce da sympathia,
Morrer a nossa alegria,
Sem que amor morra tambem.

QUADRA.

Na fragancia deleitosa
Q' une huma flor a outra flor
Os consortes reconhecem
Da sympathia o calor.

GLOSA.

Sente o reino vegetal
De amor a doce influencia,
Porque de sua existencia
He a causa principal:
Ante amor tudo he igual,
Em união amorosa
Cresce o jasmim, cresce a rosa,
Em zefiro transformado
Vôa amor de prado em prado
Na fragancia deleitosa.

Como he rica a natureza!
Quantos prodigios encerra!
Em toda a extenção da terra
Brilha do Céo a belleza.
Por lei da immensa grandeza
Do Supremo Architector,
Quem he, pois, senão amor
Que desenvolve a harmonia,
Que huma planta, e outra cria,
Q' une huma flor a outra flor?

Meigo amor, porção da vida,
E do universo prazer,
Sem ti não podia ser
A natura enriquecida.
A avesinha enternecida
Quando as campinas florecem
Busca a consorte, ambos tecem
O seu ninho melindroso,
E o thalamo venturoso
Os consortes reconhecem.

Se em tão perfeita união
Vivem as plantas, e aves,
Porque razão tão suaves
Os nossos laços não são?
Hade a humana geração
Viver cercada de horror?
Nos homens he crime amor,
Nelles seu brilho se offusca,
E extinguir cada qual busca
Da sympathia o calor.

QUADRA.

Breve espaço a flor mimosa
Conserva o lindo matiz;
Assim foi minha ventura,
Pouco tempo fui feliz.

GLOSA.

Por lei que jámais varia
Nada existe sempre igual,
Vem depois do bem o mal,
Depois do gosto agonia:
Quando a natureza cria
Tenra planta melindrosa,
Apenas se faz viçosa
Virgineo botão rebenta;
Porém de bella se ostenta
Breve espaço a flor mimosa.

Quanto mais linda he a flor
Tanto menos tempo dura,
Cada qual gosar procura
O seu brilho encantador:
Máo insecto voador
A corta pela raiz,
Se huma nynfa, e outra quiz
A vão levantar do chão,
Mas a flor já murçha, não.
Conserva o lindo matiz.

Ah! debil flor, que tambem
Te coube sorte mesquinha!
Assim foi a sorte minha,
Assim foi todo o meu bem.
Lamento como ninguem
Tua morte prematura;
Se bem que a sabia natura
Mais vida te concedesse
Tua duração fenece,
Assim foi minha ventura

Eu me julgava ditosa
Vivendo d'Elmano ao lado,
Eu gosava o seu agrado
Do futuro não cuidosa:
Mas a minha sorte irosa
De tal bem privar-me quiz,
E o desengano me diz,
Que eu não sou por elle amada.
Ai de mim! sou desgraçada!
Pouco tempo fui feliz.

QUADRA.

O meu bem na despedida
Nem hum só ai póde dar;
Apertou-me a mão no peito,
E depois pôz-se a chorar.

GLOSA.

Quem póde com rosto enxuto
Deixar hum bem adorado?
Quem ha que tenha negado
De amor o doce tributo?
Quizera em marmore bruto
Vêr tornada Analia fida,
Por não vêl-a enternecida,
Crueis magoas supportando,
E com a morte lutando
O meu bem na despedida.

Pallidas faces de rosa,
Desmaiada boca linda,
A custo respira ainda,
Mas não se mostra queixosa!
Eu exclamo: « A sorte irosa
« Nos vai, meu bem, separar!
« Mas eu não posso faltar
« A' fé que jurei de amante! »
Quiz fallar-me neste instante,
Nem hum só ai póde dar.

Volvendo os olhos magoados
Os pôz em mim com ternura;
Pois a força da amaigura
Os tinha té li cerrados!
Eu vi então que animados
Erão de amor por effeito;
[illegible] que o meu voto era acceito;
[illegible] a bella neste momento
[illegible] signal de juramento
[illegible]*ertou-me a mão no peito.*

Transportado, entre meus braços
Eu aperto a minha amada;
Juro sobre a mão nevada
Não quebrar de amor os laços!
Entre os meus ternos abraços
Pôde o meu bem suspirar;
E apenas pôde fallar,
Estas palavras soltou;
« Só quero sejas qual sou;
E depois pôz-se a chorar.

QUADRA.

Amo, sem mais fim q'amar,
He nobre minha paixão:
Sigo a lei da natureza,
Ouço a voz do coração.

GLOSA.

Eu não peço recompensa
Deste amor em que m'inflammo;
Contra a sorte eu não declamo,
Nem contra tua indif'rença,
Abrasada em chamma intensa,
Esta não busco apagar:
Por hum modo singular
A voz da razão escuto;
A amor pagando tributo,
Amo, sem mais fim q'amar.

Vê tyranno, que este amor
Nada tem que seja impuro,
Porque he perfeito apuro,
D'huma cauza sup'rior:
E's de meu peito senhor
Por força de inclinação.
Resistir não posso, não,
A este impulso violento;
Porém como nada intento
He nobre minha paixão.

Sabes que amar he dever,
Fomos para amar formados,
Felices, ou desgraçados
Todos amor devem ter:
Não posso isenta viver
D'hum poder de tal grandeza;
Se os encantos da belleza
Me não tornão agradavel,
Sempre amante, sempre estavel
Sigo a lei da natureza.

Não temo ser increpada,
Minha paixão he sincera;
Do capricho a voz austéra
Será por mim respeitada:
Embora não seja amada,
Beijo contente o grilhão,
Assim me ordena a razão,
Qu'a amar-te me persuade,
Se escuto a voz da verdade,
Ouço a voz do coração.

QUADRA.

Os Céos te derão por sina
De Staël a propensão,
Tens o nome de Delfina,
E de Deos o coração.

GLOSA.

Elmano, zomba do fado,
Que te não póde offender,
Tu jámais poderás ser
Por seu rigor maltratado;
O teu ser foi animado
D'huma alma toda divina,
Quem teu semblante examina
Conhece em sua belleza
Que os dons de maior nobreza
Os Céos te derão por sina.

Cem vezes eu tomo a lyra
Para teu nome cantar;
Porém tristeza, e pezar
O meu canto só respira.
Minh' alma anhela, e suspira
Voar de Apollo á manção,
Mas meu esforço he em vão,
Eu sinto que o Céo sagrado,
Elmano, me tem negado
De Staël a propensão.

Tu com quem Jove reparte
O poder de eternizar;
Tu em quem se vê brilhar
Natureza, engenho, e arte,
Receia pois de enganar-te,
A gratidão te allucina:
Conheço que não sou dina
D'hum elogio tão puro,
Não digas (eu te conjuro)
Tens o nome de Delfina.

Se me dás tão alto apreço,
De teu merito he nascido,
Quizera-o ter merecido,
Mas sei que não o mereço:
Elmano, em ti reconheço
A mais alta perfeição,
Teu ser he emanação
D'huma divindade pura,
Se d'homem tens a figura,
Tens de Deos o coração.

QUADRA.

Até onde as nuvens girão,
Vão meus suspiros parar;
E tu tão perto de mim
Não me ouves suspirar.

GLOSA.

Ao templo do desengano,
Pelo destino guiada,
Eu fui ver quão desgraçada
Me fez o fado tiranno:
Disse amor em tom sob'rano
» Teus males me compungirão,
E se iguaes nunca se virão,
Talvez aos Céos perturbassem,
os teus suspiros chegassem
onde as nuvens girão.

Ao menos por compaixão,
(Lhe tornei) oh Deos de amor,
Suaviza a minha dor,
Minóra a minha aflicção:
Tu tens outro coração
A quem deves conquistar;
Vai teu poder empregar
Em têl-o sempre sujeito;
Em quanto a tão ferreo peito
Vão meus suspiros parar.

Mas que podem fazer áis
Onde setas não podérão?
Jámais suspiros fizerão
Abrandar corações taes:
Vós, desgraçados mortaes,
Que amais a hum peito assim,
Temei o funesto fim
Do vosso amor e ternura:
Não te posso achar ventura
E tu tão perto de mim?

Ah! tiranno fementido,
Motôr da minha desgraça,
Dize: ha poder que desfaça
Males que me tens urdido?
Estás a meu fado unido
Para tormentos me dar,
Não tenho mais que esperar,
Contra mim te tens disposto;
Em fim por teu mesmo gosto
Não me ouves suspirar.

QUADRA.

Vejo o raio, ouço o trovão,
Nunca tanto me assustei;
Como me assusta a lembrança
Que nunca mais te verei.

GLOSA.

Eólo as furias desata
Do mar as furias erguendo,
Vai montanhas desfazendo
Derrubando escura mata:
Já o mocho não se acata
Na medonha escuridão,
Nada está seguro, não,
Tudo teme a dura sorte,
E sem me assustar a morte
Vejo o raio, ouço o trovão.

Males, e tormentos chovem
Sobre os mortaes malfadados,
Ai de mim! meus crueis fados
Só os meus males promovem
Fazer-me infeliz resolvem,
Oh tiranna, injusta lei!
Do rosto a côr já mudei
Em palidez assombrosa,
Ouvindo a voz pavorosa
Nunca tanto me assustei.

Disse-me o fado inimigo
Que o meu terno coração
Em dura separação
Viveria sem abrigo:
Deu-me para mór castigo
Ser este mal sem mudança,
Desde então minha esperança
Morreu, e a minha alegria:
D'aquelle terrivel dia
Como me assusta a lembrança!

Desde então, meu bem amado,
Vivo triste e cuidadosa,
Sempre afflicta e desgostosa
Pensando no meu estado;
Desde o dia infortunado,
Jámais prazeres gozei,
O que em mim sinto não sei,
O coração me prediz,
Que não posso ser feliz,
Que nunca mais te verei.

QUADRA.

Embora pène ao teu lado,
Antes penar, que morrer;
Não me resolvo a deixar-te,
Sem ti não posso viver.

GLOSA.

Se amorosa sympathia
Só por ti minh'alma sente,
Não me negues cruelmente
Tua doce companhia;
Suaviza a mágoa impia,
Que tu mesmo tens causado;
Já que por lei de meu fado
Outra gloria não consigo,
Deixa-me viver comtigo,
Embora pene ao teu lado.

Ah! soffre, adorado Elmano,
Meu puro, e constante amor,
Não me trates com rigor,
Não me dês o desengano;
Evita-me aquelle damno,
Que a morte me faz temer,
Embora viva a soffrer
A pena mais rigorosa,
Quero antes viver queixosa,
Antes penar, que morrer.

De ti me occupo sómente,
Em teus dons extasiada,
E de amor toda abrazada,
Em ti fallo a toda a gente;
Junto a ti estou contente,
Porque és desta alma huma parte,
Nascida fui para amar-te,
Embora sejas cruel,
Sou constante, sou fiel,
Não me resolvo a deixar-te.

Se he hum bem, Elmano, a vida
Que os mortaes devem prezar;
Ah! porque me queres dar
A morte mais desabrida?
Eu estou a ti unida
Pelo mais forte poder;
Tu es porção do meu ser;
Convença-te esta verdade;
Es de minha alma a metade;
Sem ti não posso viver.

COLCHEIAS,

Feitas ao Dia 7 de Setembro.

MOTE.

Completou-se o heroismo,
Já somos independentes.

GLOSA.

Suplantou-se o despotismo
Deste Sollo afortunado,
Neste dia decantado
Completou-se o heroismo.
O nefando servilismo
Não reina em plagas fulgentes,
As virtudes transcendentes
Sejão a nossa divisa:
Temos a dita preciza,
Já somos independentes!

Ao mesmo.

Despresando o terrorismo,
Que nasce da escravidão,
Da Brasileira Nação
Completou-se o heroismo.
Ao santo Patriotismo
Dirigem votos ardentes
Os Brasileiros valentes,
Que fazem da Patria a gloria;
Completa foi a victoria,
Já somos independentes.

QUADRA.

O meu bem na despedida
Nem hum só ai póde dar;
Apertou-me a mão no peito,
E depois pôz-se a chorar.

GLOSA.

Quem póde com rosto enxuto
Deixar hum bem adorado?
Quem ha que tenha negado
De amor o doce tributo?
Quizera em marmore bruto
Vêr tornada Analia fida,
Por não vêl-a enternecida,
Crueis magoas supportando,
E com a morte lutando
O meu bem na despedida.

Pallidas faces de rosa,
Desmaiada boca linda,
A custo respira ainda,
Mas não se mostra queixosa!
Eu exclamo: « A sorte irosa
« Nos vai, meu bem, separar!
« Mas eu não posso faltar
« A' fé que jurei de amante! »
Quiz fallar-me neste instante,
Nem hum só ai póde dar.

Volvendo os olhos magoados
Os pôz em mim com ternura;
Pois a força da amargura
Os tinha té li cerrados!
Eu vi então que animados
Erão de amor por effeito;
Vi que o meu voto era acceito;
Que a bella neste momento
Em signal de juramento
Apertou-me a mão no peito.

'ransportado, entre meus braços
aperto a minha amada;
o sobre a mão nevada
quebrar de amor os laços!
re os meus ternos abraços
'e o meu bem suspirar;
ipenas pôde fallar,
as palavras soltou;
ó quero sejas qual sou;
lepois pôz-se a chorar.

QUADRA.

Amo, sem mais fim q'amar,
He nobre minha paixão:
Sigo a lei da natureza,
Ouço a voz do caração.

GLOSA.

Eu não peço recompensa
ste amor em que m'inflammo;
itra a sorte eu não declamo,
n contra tua indif'rença,
rasada em chamma intensa,
a não busco apagar:
hum modo singular
voz da razão escuto;
mor pagando tributo,
', sem mais fim q'amar.

Ao mesmo.

Salvaste do escuro abismo
Este Povo liberal,
Supremo bem divinal,
Honrado Patriotismo.
O bifronte servilismo,
Infame por condição,
Foge ao lucido clarão,
Que a este Povo illumina;
E a Liberdade divina
Quebra o pezado grilhão.

Ao mesmo dia : improvisado.

Erigir templo á virtude,
Cavar masmorras ao vicio.

GLOSA.

Brasileiros! magnitude,
Fortaleza, e união,
Para podermos então
Erigir templo á virtude.
Eis o dia que se allude
Ao mais Heroico Patricio,
Já temos altar propicio,
A' sagrada Independencia
Podemos com vehemencia
Cavar masmorra ao vicio.

• *Ao Illm. e Exm. Snr. José Bonifacio de Andrada*

MOTE.

Todos vivem, só eu morro.
Em cada instante que vivo.

GLOSA.

Oh Ceo! prestai-me soccorro,
Minorai o meu desgosto;
Pois com mais, ou menos gosto
Todos vivem, só eu morro.
Quando em meus males discorro,
Sinto hum tormento excessivo,
E nem se quer lenitivo
Acho ás penas que padeço,
A morte só reconheço
Em cada instante que vivo.

MOTE.

Como vive quem não vive
Com quem deseja viver?

GLOSA.

Se acaso algum prazer tive,
Já esse me abandonou,
Pois hoje vivendo estou
Como vive quem não vive.
Ao lado de quem motive
O seu mais doce prazer,
Este vive a padecer
A magoa mais desabrida,
Pois *não* passa a sua vida
Com quem deseja viver.

MOTE.

A natureza, e amor.
Combate a minha razão.

GLOSA.

Até Jupiter Senhor
De tudo quanto ha creado
Estreitamente he ligado
A' natureza, e amor:
Se este Deos tão sup'rior
Viveu sugcito á paixão,
Como hade meu coração
Libertar-se deste mal,
Se amor com arma fatal
Combate a minha razão?

MOTE.

Em trevas, e escuridade
Jaz meu peito sepultado.

GLOSA.

Pelas mãos d'impia saudade,
Pela sua feroz ira
Meu peito arqueja, e suspira
Em trevas, e escuridade.
Dos males a immensidade
Tem meu coração cercado;
Perfida lei de meu fado,
Que fiz eu á natureza,
Que no abismo da tristeza
Jaz meu peito sepultado?

MOTE.

Padeça, como eu padeço,
Chore, que eu choro tambem.

GLOSA.

Se de mim não fez apreço,
Q'eu com justiça exigia,
Em premio da tyrannia
Padeça, como eu padeço.
Vou vêr se o perjuro esqueço,
Q' he o que assás me convém,
O seu rigor, seu desdem
Contra elle se conspire,
Afflicto gema, e delire,
Chore, que eu choro tambem.

MOTE.

Teu ingrato proceder
Resfriou minha paixão.

GLOSA.

Se tens visto arrefecer
Meu amor ardente e fido,
Oh falso, a causa tem sido
Teu ingrato proceder.
Se remorsos podes ter
Faze ingenua confissão;
Dize que a ingratidão,
Que comigo praticaste,
Quando menos o pensaste
Resfriou minha paixão.

MOTE.

Tuas raras qualidades
Prendêrão meu coração.

GLOSA.

Com celestes divindades
Chegas a rivalisar;
Com ellas vão disputar
Tuas raras qualidades.
Em mil diversas idades
Ninguem vio tal perfeição,
De teus dons a gradação
A mais não póde exceder,
E ellas com seu poder
Prendêrão meu coração.

MOTE.

Por amor, e amizade
Dezejo sempre te amar.

GLOSA.

Funesta desigualdade
Entre nós tem posto a sorte,
Eu soffro a magoa mais forte
Por amor, e amizade.
Tu pódes com liberdade
Teus affectos dedicar
A essa, que a meu pezar,
He por ti sempre adorada,
E eu mesmo não sendo amada
Desejo sempre te amar,

MOTE.

Mortal que teus mimos goza
Disputa co' a divindade.

GLOSA.

Tua sorte venturosa
A todos causa ciume,
Ah! tu convertes em Nume
Mortal que teus mimos gosa.
Quantos encantos a rosa
Tem na sua qualidade,
Tu tens na tua amizade:
Quem a goza, eu acredito,
Que toca ao gráo infinito;
Disputa co' a divindade.

Ao mesmo.

Sobe a esphera luminosa
Despido do humano ser,
Bebe celeste prazer
Mortal que teus mimos goza.
Eu fico pois duvidosa
Se supera a eternidade.
Ah! tanta felicidade
Quem desfructa, meu Francino,
He sup'rior ao destino,
Disputa co' a divindade.

MOTE.

Eu desfaleço, eu deliro
Em tão triste situação.

GLOSA.

Belmiro, cruel Belmiro,
Suportando o teu rigor,
Meu peito estala de dôr,
Eu desfaleço, eu deliro:
Teu nome, ingrato, profiro
Sem achar consolação;
A minha dura afflicção
Aqui em augmento vai
Sem merecer-te hum só ai,
Em tão triste situação.

MOTE.

Só tu me infundes prazer
Em tão triste situação.

GLOSA.

Píreno, bem pódes crêr,
Que eu vivo triste, e chorosa,
E que sendo desditosa
Só tu me infundes prazer.
Só tu pódes entreter
A minha amante paixão,
Dar paz ao meu coração,
Dar-me gosto, e alegria,
E ser minha companhia
Em tão triste situação.

MOTE.

Tristes lembranças me assaltão,
Que me fazem delirar.

GLOSA.

Males a sentir não faltão,
E mil vezes suspirando,
Sempre, e não de quando em quando
Tristes lembranças me assaltão;
De continuo ellas se exaltão,
Que augmentão meu pesar.
Em vão quero socegar,
Vivo só n'um labyrinto;
São taes os males que sinto,
Que me fazem delirar.

MOTE.

Aonde pensava amor,
He onde encontro fereza.

GLOSA.

Redobra-se a minha dôr,
Aclara-se o meu engano,
Acho hum coração tyranno
Aonde pensava amor.
Eu já não tenho valor,
Sucumbida de tristeza,
De meu destino a incerteza
Forja a minha desventura,
Onde esperava brandura,
He onde encontro fereza.

MOTE.

Será por nós conservada
De amor sagrada união.

GLOSA.

N'esta ausencia dilatada,
Que bem sensivel nos he,
D'amor a mais pura fé
Será por nós conservada.
Pois não póde a sorte irada
Quebrar d'amor a prisão;
Se tens firme coração,
Ambos felizes seremos,
Illesa conservaremos
D'amor sagrada união.

MOTE.

Nesta ausencia he bem factivel.
Que mude seu coração.

GLOSA.

Justos Céos, como he possivel
Viver d'um bem separada!
Que eu seja em fim desgraçada
Nesta ausencia he bem factivel:
Com esta idéa terrivel
Suporto dura afflicção,
Temo da separação
As consequencias fataes,
E ainda de mais a mais
Que mude o seu coração.

MOTE.

Olhai que dura sentença
Foi amor dar contra mim.

GLOSA.

Amor manda sem detença,
Que eu devo constante amar
A huma ingrata sem par:
Olhai que dura sentença!
Cuidei que de tal doença
Désse a minha vida fim;
Mas isto não foi assim,
Pois tormento mais pezado
Na funda estancia do fado
Foi amor dar contra mim.

Ao mesmo.

Amor manda « qu'huma offensa,
« Das offensas a mais dura
« Eu repute por ternura: »
Olhai que dura sentença!
Eu vou do ingrato á presença;
Mas ha de ser triste o fim,
Eu não cuidei fosse assim
A lei de amor derrogada;
Pois sentença inopinada
Foi amor dar contra mim.

MOTE.

Sem ver o charo Josino
Feliz não poderei ser.

GLOSA.

Eu deliro, eu desatino,
Soffro o mal mais violento,
Eu estallo de tormento
Sem ver o charo Josino.
Já por morta me imagino;
Assim não posso viver,
Sinto nas veias correr
Mil mortaes, crueis venenos:
Se assim viver, pelo menos
Feliz não poderei ser.

MOTE.

Sem vós, e com meu cuidado,
Olhai com quem, e sem quem.

GLOSA.

Pondera, Josino amado,
Meu cruento padecer;
Sou condemnada a viver
Sem vós, e com meu cuidado.
Meu tyranno, injusto fado
Me priva de todo o bem,
A saudade me entretem,
Sempre em magoás engolfada,
Passo a vida amargurada,
Olhai com quem, e sem quem.

MOTE.

Desculpa o meu coração,
Que não faz mais que adorar-te.

GLOSA.

Se sabes o que he paixão,
Se temes seu poder forte,
Lastima pois minha sorte,
Desculpa o meu coração,
Que só te rende oblação,
E que só quer agradar-te,
Para melhor explicar-te,
Que só teu deseja ser,
Que não te sabe offender,
Que não faz mais que adorar-te.

MOTE.

Quando Analia est'alma inflamma,
Os Reis ante mim são nada.

GLOSA.

Ha de ser eterna a fama
Que meu nome ha de illustrar;
Pois sou no mundo sem par
Quando Analia est'alma inflamma:
Suave nectar derrama
Na minha alma entusiasmada;
Contra mim não vale a espada;
Os aureos sceptros dourados
A par de mim são cajados,
Os Reis ante mim são nada.

MOTE.

A minha cruel saudade,
A minha alma dilacera.

GLOSA.

Não ha maior crueldade,
Não ha maior agonia,
Pois roubou minha alegria
A minha cruel saudade.
Já perdi da sociedade
O prazer que reverbera;
Aqui sómente se espera
Ver-me de penas findar;
Pois o mais cruel pezar
A minha alma dilacera.

MOTE.

Jámais me concede a sorte
Hum momento de prazer.

GLOSA.

Venha a morte, quero a morte,
Que a vida já me enfastia,
Que hum momento de alegria,
Jámais me concede a sorte:
O meu mal acerbo, e forte
He peior do que morrer:
Do que me serve o viver,
Vivendo em continua lida,
Sem ter em tão triste vida
Hum momento de prazer?

MOTE.

Este zelo, esta paixão
He peior do que morrer.

GLOSA.

Cruel desesperação
A minha alma dilacera,
O meu tormento exaspera
Este zelo, esta paixão.
Eu não sei por que razão
Motivas meu padecer,
Eu já não posso soffrer
Dos males, o peior mal:
Ter presente huma rival
He peior do que morrer.

MOTE.

Os olhos de minha amada
Mais que todos lindos são.

GLOSA.

Até Venus engraçada,
Por se fazer mais brilhante,
Desejou por hum instante
Os olhos de minha amada.
Sendo tão avantajada
Sua immensa perfeição,
Por justa lei da razão
Ninguem os póde igualar;
O seu fulgor he sem par,
Mais que todos lindos são.

MOTE.

Lucinda, formoso encanto,
Doce paz desta minh' alma.

GLOSA.

Da tristeza opáco manto
A este meu peito enluta;
Meu triste lamento escuta,
Lucinda, formoso encanto.
Toda a força do meu pranto
Meus pezares não acalma;
Tu tens da virtude a palma,
E a minha dôr accrescentas,
Pois para sempre te ausentas,
Doce paz desta minh' alma.

MOTE.

Embora murmure o mundo,
O mundo me não conhece.

GLOSA.

Eu, razão, não me confundo,
Tua luz me illustra a mente,
E se eu sou delinquente,
Embora murmure o mundo;
Do meu coração no fundo
Ditosa paz permanece,
Minha alma firme obedece
Do dever á lei sagrada,
Se o mundo me crê culpada,
O mundo me não conhece.

MOTE.

Sou feliz porque perdi
A lembrança do passado.

GLOSA.

A minha sorte venci,
Triumphei do meu destino,
Minha dôr, meu mal mofino,
Sou feliz, porque perdi.
O veneno que eu bebi
Pela mão do duro fado,
Foi por lei do Céo sagrado
Em doce mel convertido;
E assim já tenho esquecido
A lembrança do passado.

MOTE.

As doces prisões de amor,
Cada vez me apertão mais.

GLOSA.

Ah! mortaes, quanto valor
Tem huma alma quando he terna,
Da natura a lei superna
As doces prisões de amor!
Eu me julguei sup'rior
Aos impulsos naturaes;
Mas cingida aos meus iguaes
Bem de pressa pude ver,
Que estes laços de prazer
Cada vez me apertão mais.

MOTE.

Minha amizade constante,
Não póde o tempo gastar.

GLOSA.

Não muda meu peito amante,
Pura fé inda te juro,
Zomba pois do tempo duro,
Minha amizade constante.
Minha saudade incessante
Não me deixa socegar;
Josino, eu não sei mudar,
Nem com o tempo convenho,
E o puro amor que te tenho
Não póde o tempo gastar.

Ao mesmo.

Em vão o destino errante
Me tem de ti separado,
Nem por isso tem mudado
Minha amizade constante.
Não póde o tempo inconstante
Triste effeito em mim causar,
Alma não póde mudar,
E a minha alma he quem te adora:
Todo o amor que n'alma mora
Não póde o tempo gastar.

MOTE.

A vil ambição do mando
Presta auxilio á tyrannia.

GLOSA.

Triste Brasil, até quando
Haveis de estar illudido,
Até quando submettido
A' vil ambição do mando?
Os impios te vão cavando
Abismos de dia em dia.
Co' a masc'ra d' hypocrisia
A seus fins buscão chegar;
E quem os quer escutar
Presta auxilio á tyrannia.

Aos annos do Sr. F. H. da S. dos Santos Pereira.

MOTE.

A vinte e quatro de Abril
Teve o mundo hum desgraçado.

GLOSA.

Honra e gloria do Brasil,
Eu te dou valor jucundo
Pois és por Deos dado ao mundo
A vinte e quatro de Abril:
Detestas jugo servil
Vate immortal, e sagrado;
Porém hoje allucinado
Por huma falsa illusão,
Tu dizes, mas sem razão:
Teve o mundo hum desgraçado.

MOTE.

Eu não soube apreciar-te
Quando te tive a meu lado.

GLOSA.

Meu bem, eu não sei pintar-te,
Em que estado me tens posto,
Por capricho, não por gosto,
Eu não soube apreciar-te;
Ausente juro adorar-te,
Porque assim o quer meu fado;
Tinha o capricho ordenado,
Que calasse a paixão fera,
Por isso me viste austera
Quando te tive a meu lado.

MOTE.

Tenho amor, sou paciente
Não desabafo meu peito.

GLOSA.

O soffrer he ser prudente
Por grande que seja o mal,
Por huma causa fatal
Tenho amor, sou paciente:
Em nada sou delinquente,
A's leis de amor sou sujeito,
E mesmo por teu respeito
Reprimo impulsos de amor;
Porque o mandas com valor
Não desabafo meu peito.

MOTE.

Ainda não sendo amada,
Hei de amar-te até morrer.

GLOSA.

Mesmo de ti separada
Fé pura te hei de guardar,
E sempre te hei de adorar,
Ainda não sendo amada;
Se eu não for afortunada,
Não hei de inconstante ser,
De mim não tens que temer,
A ser firme estou disposto,
Não por destino, por gosto,
Hei de amar-te até morrer.

MOTE.

Entre amor, e entre o susto
Não pude ter fortaleza.

GLOSA.

Por hum motivo bem justo,
Que o mêdo aos mortaes excita,
Não pude ter grande dita
Entre amor, e entre o susto:
A' sombra de verde arbusto
Vi huma rara belleza,
Em tão arriscada empreza
Quiz fugir, dei poucos passos,
Caio em fim entre seus braços,
Não pude ter fortaleza.

MOTE.

Ha de dizer-me em segredo
Quem lhe prende o coração.

GLOSA.

Por entre espesso arvoredo
Amizade nos conduz,
A' vista da ethérea luz,
Ha de dizer-me em segredo:
Se vive tristonho ou ledo
N'esta amena solidão;
Conheço que tem paixão
Mas o objecto ignoro,
Sómente que diga imploro
Quem lhe prende o coração.

MOTE.

Quem se ausenta por seu gosto
Não deve penas causar.

GLOSA.

Não póde sentir desgosto
Nesta triste despedida
Quem ordenou a partida,
Quem se ausenta por seu gosto:
Meu coração stá disposto
A fugir sempre de amar;
Eu faço por triunfar
Sempre dos tormentos meus,
Quem diz por seu gosto « adeos »
Não deve penas causar.

MOTE.

Aonde habita o amor.
Não habita falsidade.

GLOSA.

Receio tristeza e dor
Com o prazer de mistura,
Isto sempre se procura,
Aonde habita o amor.
O ciume roedor
Entra n'esta sociedade,
Porém se a doce amizade,
Com o amor faz união,
Então nesse coração
Não habita falsidade.

MOTE.

Desculpem hum tal amor
Pois que eu amo sem limite.

GLOSA.

Se eu não posso ser senhor
De domar minha paixão,
Por esta mesma razão
Desculpem hum tal amor:
Sou ao tempo sup'rior,
Quer longe, quer perto habite,
Por mais que a razão me grite,
Que amar não he meu dever,
Eu não a posso attender,
Pois que eu amo sem limite.

MOTE.

Huma pastora offendida
Como ha de extremos fazer?

GLOSA.

«Não, não dóe perder a vida
Quando n'ella se acha a morte,
Pois tem tormento mais forte
Huma pastora offendida:
Vivo de dôr opprimida,
Nada posso resolver
Em continuo padecer
Estou sempre duvidosa;
Quem vive assim receiosa,
Como ha de extremos fazer?

MOTE.

Meu coração só se nutre
De saudade e de agonia.

GLOSA.

Faminto cruel abutre
Filho da separação
Com elle em dura afflicção
Meu coração só se nutre:
Amor que só se renutre
Com a minha magoa impia,
Dá-me hum dia, e outro dia
De bem diversos tormentos,
Sendo todos os momentos
De saudade e de agonia.

MOTE.

Ternos ais, terno suspiro
Mantem o meu coração.

GLOSA.

Neste deserto retiro,
Neste tristonho lugar
Só se ouvem resoar
Ternos ais, terno suspiro:
Teu doce nome profiro
Por dar allivio á paixão,
Porém cheia de afflicção
Soffro mil penas fataes,
Mas os meus acerbos ais
Mantem o meu coração.

MOTE.

Depois que preso chegaste,
Eu tambem presa fiquei.

GLOSA.

Ah! meu bem, tu me privaste
Da gostosa liberdade,
Enliei-me por vontade
Depois que preso chegaste:
As cadêas que arrastaste,
Eu tambem as arrastei
Cheia de gosto as beijei,
Cheia de terno fervor,
Nos mesmos grilhões de amor,
Eu tambem presa fiquei.

MOTE.

Oh paz do meu coração,.
Já te disse eterno adeos.

GLOSA.

Na mais triste situação
Minha sorte hoje lamento,
Fugiste neste momento
Oh paz do meu coração.
Desapparece a razão,
Fico entregue aos fados meus,
Amor, os tormentos teus
Envenenão minha vida
E a ti, oh paz tão querida,
Já te disse eterno adeos.

MOTE.

Esses teus olhos galantes
A todos fazem morrer.

GLOSA.

Fazem attrahir amantes
De Belmira os lindos gestos,
Parece fazem protestos
Esses teus olhos galantes:
Mil suspiros incessantes
Elles sabem promover,
Sabem inspirar prazer
Mesmo em peitos insensiveis;
Oh! que forças invenciveis
A todos fazem morrer!

MOTE.

Meu amante coração
Soffre penas a milhares!

GLOSA.

Crava com tua impia mão
No meu peito o punhal duro,
Pois te não quer ser perjuro
Meu amante coração:
Da morte a horrenda afflicção
Porá termo aos meus pezares,
Da vida os crueis azares
Já displicente me tem,
E tu não tens dó de quem
Soffre penas a milhares!

Ao mesmo.

Ingrato, porque razão
És a meu bem sempre avêsso,
Não vês que terna te off'reço
Meu amante coração?
Ah! mova-te a compaixão,
Não augmentes meus pezares,
Tem pena pois de causares
O fero tormento meu,
Vê que este peito que he teu
Soffre penas a milhares!

MOTE.

Quando amor prepara o arco,
Dobra o joelho a razão.

GLOSA.

Na terra n'humilde charco
Tudo fica vacilante,
Té Marte está delirante
Quando amor prepara o arco:
Eu pois por meus dias marco,
Triumphos do seu farpão,
Contra o seu poder em vão
Intente o poder que for,
Porque a este Deos de amor
Dobra o joelho a razão.

MOTE.

Dado pela Illma. Sra. D. Leocadia Gr de Mello Pinto Bandeira.

Eu já tenho por systema
Bronzeado o coração.

GLOSA.

Embora a natura gema,
Insensivel pois me faço,
E hum peito todo de aço
Eu já tenho por systema:
Amor me manda que eu tema
O seu cruento farpão,
Eu não lhe dou attenção,
Nem já com elle convenho,
Porque para elle tenho
Bronzeado o coração.

Ao mesmo.

D' indiff'rença o diadema
Na minha frente está posto,
E trazer alegre o rosto
Eu já tenho por systema:
O ingrato de mim trema,
Tema a minha condição,
Não mudo de opinião,
Não supponhão que me illudo,
Porque tenho para tudo
Bronzeado o coração.

Ao mesmo.

Sou da fereza o emblema
Sem jámais ter alma dura,
Não dar prova de ternura
Eu já tenho por systema:
Eis aqui este problema,
Tendo amante propensão
Sigo só a ingratidão
Por muito minha vontade,
Tendo por felicidade
Bronzeado o coração.

DECIMAS.

MOTE.

Os enleios da amizade.

GLOSA.

Não são impuros amores
Quem me move o coração,
Não são esses fogos, não
Que motivão meus ardores;
Só merece os meus louvores
O que he sinceridade,
Só chamo felicidade,
O que he prazer perfeito;
Eu só prézo, eu só respeito
Os enleios da amizade.

MOTE.

Tem dó do meu coração.

GLOSA.

Nesta ausencia o meu tormento
Eu o sinto renascer,
Eu vivo só a gemer,
Entregue ao meu sentimento:
Tem-me gasto o soffrimento
A mais tyranna afflicção;
Em tão triste situação
O meu mal não se minora;
Attende a quem por ti chora,
Tem dó do meu coração.

Ao mesmo.

Ah! Quem poderá soffrer
A saudade desabrida;
Ella faz perder a vida,
Faz a morte apetecer:
E quem não hade temer
A cruel separação?
Dos males o turbilhão
Traz hum peito maltratado,
Em tão mizerando estado
Tem dó do meu coração.

MOTE.

Nesta cruel despedida.

GLOSA.

A sorte tyranna e dura
Por fazer-me desgraçada,
Urde a ausencia dilatada,
Forja a minha desventura:
Provo o calix d' amargura
Recebo mortal ferida,
Já me sinto possuida
Da mais vehemente dôr,
Neste momento de horror,
Nesta cruel despedida.

MOTE.

D' amor o duro grilhão.

GLOSA.

Mortaes, que da liberdade
Gosais a immensa ventura,
Que amizade santa, e pura,
Faz vossa felicidade;
Qu' a paz, qu' a tranquillidade
Só vos liga o coração,
Não vos ligueis á paixão,
A exp'riencia nos ensina,
Que he de todos a ruina
D' amor o duro grilhão.

MOTE.

Quando huns folgão outros

GLOSA.

Porque razão, natureza,
O prazer tão pouco dura?
Porque sómente amargura
Tem tão intensa grandeza?
Do impio fado a fereza
Com razão os mortaes temem;
Se os brutos afflictos fremem
Quando outros saltão contentes:
Tal succede a humanos entes,
Quando huns folgão, outros gemem

MOTE.

Viver só para te amar.

GLOSA.

Eu não dezejo viver
Se de ti não sou amado,
Para ser tão desgraçado
Devo a vida aborrecer;
Devo a morte apetecer,
Quero o seu calix tragar,
Mas s' inda em ti posso achar
D' antiga amizade o resto,
Dá-me a vida, eu te protesto
Viver só para te amar.

MOTE.

Prézo a tua f'licidade.

GLOSA.

Eu quero a minha desdita,
Se com ella és venturoso,
Vive feliz, e ditoso,
Que a desgraça não me irrita:
O meu amor acredita,
E minha terna amizade;
Se esta não te persuade,
Ouve attento o que te conto,
Repara a que extremo ponto
Prézo a tua f'licidade.

MOTE.

Amor perfeito não dura.

Muitos affirmão que amor
Tem mui breve duração;
E outros que esta paixão
He ao tempo sup'rior:
Para mim só tem valor
Verdade singela e pura,
Se já morreu a ternura,
Ingrato, no peito vosso,
Eu de mim dizer não posso
Amor perfeito não dura.

Ao mesmo

Se por lei da natureza
A perfeição degenera;
Se do mór auge se espera
O ponto de mór baixeza;
Se não póde haver firmeza
No que chamamos ventura;
Se a bondade não atura:
Por esta mesma razão
Cá na minha opinião
Amor perfeito não dura.

MOTE.

Os ferros da escravidão.

GLOSA.

Belmiro, sê tu constante,
Que eu serei sempre fiel,
A minha sorte cruel
Não muda meu peito amante:
Quer presente, quer distante
He teu o meu coração,
Eu vou fazer-te oblação
No santo altar da verdade,
Pois arrasto por vontade
Os ferros da escravidão,

MOTE.

Motivos de tanta pena.

GLOSA.

Tu partes, e assim me deixas,
E dizes que tens amor?
Oh, inhumano Pastor,
Não escutas minhas queixas?
A' razão os olhos fechas?
Magoas só essa alma ordena?
Céos! que desgraçada scena!
Perdi momentos ditosos!
E só me restão chorosos
Motivos de tanta pena.

Aos annos da Srª. D. Lucinda Beni da Cunha.

MOTE.

Lucinda, teus faustos annos.

GLOSA.

Se as virtudes mais sublimes
Fazem brilhante tua alma;
Cingindo virente palma,
Detestas atrozes crimes;
Se quando afflictos não rimes
Lastimas seus feros damnos:
Deve ser entre os arcanos
Da divina Providencia
De quasi eterna existencia,
Lucinda, teus faustos annos.

MOTE.

Suspira, lamenta, e chora.

GLOSA.

A saudade que padeço
Faz-me andar sempre a gemer,
E por meu proprio querer
A ti só meus ais off'reço;
Tanto de ti não mereço,
Em vão a razão te implora,
Só a mim amor devora;
E por ti, querido amante,
Minha alma sempre constante
Suspira, lamenta, e chora.

MOTE.

Mas inda assim despresada.

GLOSA.

Luto em vão: em vão forcejo
Por agradar a quem amo,
Pela razão sempre chamo
Para guiar meu desejo:
O fado contra mim vejo
Com sanhuda mão alçada,
A sentença está lavrada,
Della não posso eximir-me,
Hei de ser amante firme,
Mas inda assim despresada.

MOTE.

O prazer não foi perfeito.

GLOSA.

Se busco diminuir
A magoa que me flagella,
Não penses, Armania bella,
Que possa tal conseguir:
Se não pódes intervir,
Gosto nenhum me he acceito,
Mesmo quando satisfeito
Muitos me virão estar,
Não me deixava o pezar,
O prazer não foi perfeito.

MOTE.

Em premio do meu amor.

GLOSA.

Se hum dia que passo ausente
He para mim de saudade,
Como esta alma soffrer hade
Dura ausencia eternamente?
Meu coração já pressente
De meu mal todo o rigor,
Morrer á força da dôr,
He quanto me ordena a sorte,
Receberei cruel morte
Em premio de meu amor.

MOTE.

Rachel he flor do Pontal.

GLOSA.

Entre mil cheirosas flores,
Huma flor linda escolhi,
E a Venus offereci
Para o jardim dos amores:
Brilha por entre os verdores
Sua belleza immortal,
Amor com poder fatal
Me pergunta o nome [seu,
Submissa respondi eu
Rachel he flor do Pontal.

MOTE.

Desculpa o meu coração.

GLOSA.

Eu já nasci para amar-te,
Fui p'ra ti só destinada,
Mas como sou desgraçada,
Não posso não igualar-te:
Eu não aspiro gosar-te,
Sigo só minha paixão,
Tu sobre as leis da razão,
Triumphando permaneces,
Tu, que o fragil ser conheces,
Desculpa o meu coração.

MOTE.

Sem ventura he por de mais.

GLOSA.

Nasci ao mundo infeliz,
Infeliz tenho vivido,
Tem-me a sorte combatido
Sempre com novos ardis:
Procurar abrigo quiz
Entre todos os mortaes,
Achei repudios fataes,
Não fico não duvidosa
Intentar ser venturosa
Sem ventura he por de mais.

MOTE.

Disputa co' a Divindade.

GLOSA.

Saber, virtude e valor,
Em Filinto se divisão,
E as graças se deslisão
Por seu rosto encantador:
Olhos, que exprimem amor,
Tem dos Ceos a clàridade
N'elles não ha falsidade,
Não supponhão que me illudo
He hum Semi-Deos em tudo,
Disputa co' a Divindade.

MOTE.

Tenho preza a liberdade.

GLOSA.

O meu coração sincero
Por ti de amor he cativo,
Para ti sómente vivo,
Já ser d'outro não tolero:
Só das tuas mãos espero
A minha felicidade,
Tens-me cativa a vontade
Com teus amantes desvelos,
E nestes teus olhos bellos
Tenho preza a liberdade.

MOTE.

Graças, candura e belleza.

GLOSA.

Minha bem cara Delmira,
Quem vos póde descrever,
E quem poderá dizer,
O dom, que em vós se admira?
Meu peito anhela e suspira
Por louvar-te a gentileza;
És mimo da natureza,
Tens os dons do Paraizo,
Pois em teu rosto diviso
Graças, candura e belleza.

QUADRAS.

A serie de meus tormentos
Terá fim na sepultura,
Porque sempre me acompanha
A minha pouca ventura.

Eu ainda não provei
Dos prazeres a doçura;
Pois nem hum só bem m' outorga
A minha, etc.

Esperanças lisongeiras,
Não goso a tua doçura,
Porque hum mal me annuncia
A minha, etc.

Envenena minha vida
Asperissima amargura;
Porque bafeja meus dias
A minha, etc.

Se meu mal reparar quero
Minha desgraça se apura;
Porque já não tem remedio
A minha, etc.

Não posso abrandar dos fados
A cruel condição dura,
Choro, em vão, em vão lamento
A minha, etc.

Eu não me atrevo a esperar,
Senão constante amargura;
Pois ha muito que conheço
A minha, etc.

Eu já nasci para triste
Oh desgraça acerba e dura!
Desde o berço me acompanha
A minha, etc.

Como os males permanecem,
E quanto o bem pouco dura!
Pois sempre tenho presente
A minha, etc.

LYRA

IMPROVISADA.

As opacas, grossas nuvens
Toldão o ar; foge a luz,
O meu tormento produz
Tod'esta revolução;
E só Belmiro se alegra
Quando enluto o coração.

Neste jardim passeando
Vejo entristecer-se as flores,
Os meus crueis dissabores,
Causão a tudo afflicção;
E só Belmiro, etc.

As aves deixando a relva
Vão pousar na mata escura,
E a minha desventura
Ali lastimando estão;
E só Belmiro, etc.

Se sólto hum ai de repente,
Sinto montes abalar-se,
Sinto tudo perturbar-se,
Dando signaes de afflicção;
E só Belmiro, etc.

Vejo hum desgosto geral
Este bosque estar mostrando,
Só *porqu'* em mim stá notando
Huma immensa confusão;
E só Belmiro, etc.

Até no qu' he insensivel
Meus ais promovem tristeza,
Pois em toda a natureza
Tudo sente compaixão;
E só Belmiro, etc.

He mais ingrato que tudo,
Que existe sobre o universo,
O seu coração perverso
Tem sem igual condição;
Por isso mesmo se apraz
Quando enluto o coração.

QUADRA.

Se estou junto de meu bem
Eu não fallo, elle emmudece:
Dizei-me austera virtude
Se isto algum premio merece.

GLOSA.

Debalde a razão murmura,
Se de perto fallo amor,
Tem este maior vigor
Segundo os gráos de ternura.
Hum' alma que he terna e pura,
Sómente amar lhe convém;
A razão forças não tem
Para amor fazer calar:
Elle me faz delirar
Se estou junto de meu bem.

Suspiros que exhalo triste
Trahem dest' alma o segredo,
Então invejo o penedo
Que ás ondas audaz resiste.
O meu alivio consiste
Na causa que me entristece,
Se por acaso acontece
Estar eu de Elmano ao lado
Eu de amor, elle de enfado,
Eu não fallo, elle emmudece.

Se o amor que esta alma sente
Foi pelo Ceo inspirado,
Como ha de ser criminado?
Como será delinquente?
Eu que adoro reverente
A hum Deos na sua amplitude,
Detestando o vicio rude
Hei de mil penas soffrer,
Sem gosar hum só prazer,
Dizei-me austera virtude?

Se eu hei de sentir, calando
O fogo da sympathia,
O Céo que he justo podia
Torna-lo hum pouco mais brando.
Mas eu que vivo adorando
A quem sempre m' aborrece
Inda assim não desfalece
Meu amor, minba amizade;
Dize, Elmano, por piedade
Se isto algum premio merece.

SONETO

Á Immaculada Virgem N. Sra., por occasiaõ de achar-me gravemente enferma.

Já toco o final termo, oh Mãi querida,
Augusta Imperatriz do Céo e Terra;
De meus crimes enormes sinto a guerra,
E choro o uso máo, que fiz da vida.

Attende-me, oh Rainha esclarecida;
O susto, a confusão de mim desterra;
E, se immenso poder em Ti se encérra,
Preste-me auxilio, e não serei vencida.

Intercede por mim, Mãi adorada,
Na presença de hum Deos Omnipotente,
E serei plenamente perdoada.

Por Ti, minh'alma a Deos seja presente,
Pois que, sendo por Ti apresentada,
Não será confundida eternamente.

SONETO

Feito pelo completo triumpho constitucional em Portugal.

Scintilla o facho da razão celeste,
Marulha o Tejo, o Douro, o Guadiana;
Alvoroça-se a gente lusitana,
E de ingente heroismo se reveste.

Alfim, oh Lisia, triumphar podeste
Da oppressão mais cruel e mais tyranna;
Ao travez dos perigos, sempre ufana,
A gloria antiga reviver fizeste.

Arvorou-se o pendão, penhor sagrado,
Que aos povos traz feliz tranquillidade,
E o ferro sceptro foi despedaçado.

Ergueu-se hum novo altar á sã verdade
Donde por dextra mão se vê gravado
Patria, Constituição e Liberdade.

OITAVAS

Feitas na mesma occasiaõ.

Debalde intenta o despotismo insano
A arvore arrancar da liberdade;
Regada com o sangue Luzitano
Frondosa durará na eternidade.

Lisia, patria de heroes, exulta, canta,
Ao brilhante clarão que te illumina,
O nobre esforço teu ao mundo espanta,
Que com olhos attentos te examina;
Resurgio a verdade sacrosanta,
O erro, a fraude vil não a domina;
Subjugal-a de novo ao seu engano
Debalde intenta o despotismo insano.

Ouvio o Douro o grito insinuante
Que a livre nação Lusa articulava,
Da liberdade a planta vecejante
Na terra fecundar principiava;
Contra ella o impio monstro devorante
Com indomavel furia se arrojava;
Mas em vão pretendeu sua maldade
A arvore arrancar da Liberdade.

Planta, planta querida, eu te saudo
E lá, bem como aqui, prospera e cresce
Longe de ti o Boreas carrancudo
Do despotismo audaz que te emmurches
A' vista do teu ramo fique mudo
Aquelle que teus fructos desconhece,
Não sejas mais por mãos de impio ty
Regada com o sangue Lusitano.

Eis, oh Lusos, por mão do Omnipotente
Arreigada na terra, a planta amena,
Para extender seus ramos docemente,
Toda a extensão do globo acha pequena;
O Tejo ovante, em limpida corrente
A rega com a lympha mais serena
E esta arvore, precisa á humanidade,
Frondosa durará na eternidade.

COLCHEIAS.

Doce esperança me anima.

Nesta vida vacillante
Entre o receio, entre a dôr,
Por influencia de amor
De prazer góso hum instante.
Que força haverá bastante
Que o poder d'amor reprima;
Tu sabes quanto te estima
A minha alma apaixonada,
Não sou em fim desgraçada,
Doce esperança me anima.

He monstro d'ingratidão
Quem não ama a Liberdade.

Quem não attende á razão
Que a ser piedosos nos guia,
Calca aos pés a lei mais pia
He monstro d'ingratidão.
De sua propria traição
Triste victima ser ha de;
A doce fraternidade
Não o enche de prazer:
Homem não, não deve ser
Quem não ama a Liberdade.

SONETO

Feito a F. B. M. aos trinta e hum a[nnos] de sua idade.

O Delio Numen que o meu estro acce[nde]
Os teus louvores a entoar me ensina,
E o lucido clarão que me illumina,
Me arrebata, me encanta e me surpr'hen[de]

A mente extasiada não comprehende
O mellifluo som da voz divina;
Attonita e turbada, não atina
Com o plectro gentil que Apollo fende.

Abrasada em fulgor divinisado
Por cantar este dia sumptuoso
Ufana vôa ao Pindo alcantilado.

Quanto se escuta ali, tudo he faustoso
E Jupiter me diz eternizado,
Verás, oh vate, o teu heroe famoso.

SONETO

Que me dirigio o Illm. Sr. Antonio José de Araujo, na minha chegada a esta Côrte.

Lá onde em trevas co'o terror, co'a morte,
Morão tormentos mil de horrendo espanto,
Leva o thracio cantor ousado canto
Que abranda as furias do cruel transporte.

Thebano muro assoberbado e forte
Da lyra d'Amphion prova o encanto:
Ternos dons d'Arion podérão tanto,
Que o roubárão da Parca ao duro córte.

Altêa a voz, Felinda, e docemente
Penetra o peito meu, morada triste
De mágoa, de afflicção, de dôr ingente.

Dá vida a hum coração, que mal existe:
Extingue os males que minha alma sente,
Males que o fado em sustentar insiste.

SONETO

A Sua Magestade a Imperatriz, no dia do seu Augusto Nome.

Brilha, oh dia feliz, que dás ao mundo
Novo motivo de prazer sabido:
Tu serás entre os outros distinguido,
Em quanto lave a terra o mar profundo.

Da excelsa Amelia o nome sem segundo
Tem ao Brazil de gloria enriquecido;
E o Povo fiel e agradecido
Louvores mil te dá, dia jucundo.

Iris mimoso, indicio de bonança,
Torna o pólo do Sul puro e sereno;
Longe, longe de nós desconfiança.

He teu espaço, oh dia, assaz pequeno
Para explicar os dons da segurança
Que Amelia nos dá só co'hum leve acen'

SONETO

Aos annos de S. M. o I. D. Pedro I., em 1829.

Como ufano desponta o Delio Numen,
Trazendo ao mundo o mais faustoso dia!
Parece que de gosto se extasia,
Vindo saudal-o de Mavorte o lume.

A gloria que hoje Phebo em si resume
O pai dos Numens invejar devia;
Pois a causa que o enche de alegria,
Aos proprios Deoses causará ciume.

A doce causa he, Pedro Primeiro,
Elle alaga em torrentes de venturas
O rico e vasto solo brasileiro.

Zomba afouto o Heroe da morte dura,
E de assombro servindo ao mundo inteiro,
O seu Nome immortal fazer procura.

SONETO

Ao mesmo Augusto Senhor no dia 2 de Dezembro de 1829.

Benignos fados com risonho aspecto
Destinão ao Brasil faustosa sorte,
E, absortos em magico transporte,
Chamão a Pedro o Grande seu Dilecto.

Amplitude cabal dando ao projecto
Que tinhão de o salvar á dura morte,
Dão a este Monarcha pio e forte
Terno Filho, penhor do seu affecto.

Exulta o Pai, e o Brasil todo exulta
Contemplando no Filho outro Segundo
Heróe, que entre os Heróes seu Nome av

Principe excelso, o teu natal jucu
He obra prima de huma mão occu
Qu' ennobrece, que encanta ao Novo

COLCHEIA

MOTE.

Dom Pedro, assombro do mundo,
He do Brazil prima gloria.

GLOSA.

Oh razão, eu me confundo
A' vista de tal grandeza!
He pasmo da Natureza,
Dom Pedro, assombro do mundo.
Sabio, valente e jucundo
Faustosa faz nossa historia;
He de estupenda memoria
O nosso Augusto Imperante,
Do throno he base garante,
He do Brazil prima gloria.

DECIMA.

Ao nome de minha Prima D. Escolastica Angelica Vareiro, no dia 10 de Fevereiro de 1831.

Não precisa que o teu nome
Em padrões fique gravado,
Hum nome tão adorado
O tempo jámais consome.
Elfire alcança renome
Eterno, illustre e subido,
Tu pois que tens merecido
Ler teu nome em nossas almas,
Terás do triumpho as palmas
Que o *Céo* te tem concedido.

SONETO

A S. A. Imperial o Senhor D. Pedro [illegible] cantara, no dia 2 de Dezembro de 18[illegible]

Principe excelso, Numen brasileiro,
Filho de Pedro, sê como elle pio,
Acolhe os votos que fiel te envio,
Votos leaes do amor mais verdadeiro.

Sê em tudo qual he Pedro Primeiro;
Não faças deste herói nenhum desvio;
Vê que o chama Caliope, Apollo e Clio
Da Patria defensor, desta Luzeiro.

Seu caracter por Ti sendo adoptado;
Tu tambem ficarás Pedro Segundo,
Como este herói primeiro eternisado;

E dando de reinar lições ao mundo;
Como elle por teu povo venerado,
Raiar verás o dia teu jucundo.

SONETO

A S. M. a Imperatriz Amelia, em o dia do seu nome em 1830.

Salve, Amelia Gentil, astro radioso,
Brilho e fulgor do Imperio brasileiro,
Já na esphera do lucido cruseiro,
Para nós raia o dia luminoso.

Que brilhante espectaculo pomposo,
Nos offerece hum quadro prazenteiro!
« Amelia Divinal, Pedro Primeiro »
Prostestando ao Brasil fazer ditoso.

Inveja o mundo deste Imperio a sorte,
Tu lhe outorgas cabal felicidade,
Invicta Imperatriz, inclita e forte.

Tu que dás esplendor e magestade;
Vê, que o Brazil em magico transporte
Te rende cultos, como á Divindade.

SONETO

Ao Illm. Sr. José José Rodrigues Vareiro.

De terna condição, sensivel peito,
Vareiro singular, foste dotado;
E de heroicas virtudes escoltado,
A' celeste razão vives sujeito.

Respeitando dos homens o direito,
Sempre a prol da justiça te has mostrado;
E da luz da verdade abrilhantado,
Segues de hum Deos o divinal preceito.

Assim vês decorrer teus bellos annos,
E entre os braços da consorte amante
Zombando estás dos fados inhumanos.

Qual he teu coração diz teu semblante,
Nelle brilhão teus dotes soberanos,
Tornando-te inda mais interessante.

SONETO

Aos annos do mesmo Illm. Sr. em 1830.

Neste dia ridente esparge o Fado
Sobre nós mil prazeres deleitosos,
A Vareiro cedendo annos ditosos,
Porque he digno de ser eternisado.

Da consorte fiel constante ao lado,
Passa este varão dias gostosos;
Em quanto avaros mil de oiro sequiosos
Só nos cofres empregão seu cuidado.

Sim, Vareiro immortal destes differe,
Sua alma he franca, generosa e pura,
He este o dom que Jove lhe confere.

Se o Céo lhe concedeu tanta ventura
Seus dotes minha Musa não refere,
Porque chegar não póde a summa altura.

SONETO

Ao Exm. e Rm. Sr. Bispo Capellaõ Mór.

Senhor, de quem a Fama ha muito canta
Memoraveis acções de sã piedade,
Pondera qual será minha orfandade
Em tão misero estado, em mágoa tanta.

Tua alma bem fazeja, pura e santa
Attenta escuta a voz da humanidade,
E a força da cruel mendicidade
Tua beneficencia assaz quebranta.

Tornas feliz o mundo desgraçado
Oh Numen tutelar, dos homens guia!
Tu és copia fiel do Céo sagrado.

He teu renome qual astro do dia,
Sem que possa jámais ser eclipsado,
Porque teus dotes são de alta valia.

SONETO

Em resposta de hum que me dirigio o Illm. Sr. A. J. de Araujo, e que se acha na pag. 119.

Triumpha a sabio da sanhuda morte,
A este o seu horror não causa espanto;
Não morre o vate, porque vive o canto
Que elle soltára em magico transporte.

Deixou cahir Plutão o sceptro forte,
Ouvindo da harmonia o doce encanto;
Se os harmonicos sons podérão tanto,
Da Parca não receies o duro córte.

Tu que ò plectro canoro docemente
Tens, Aonio pulsado, terno e triste,
Magoas cantando com valor ingente:

Sabe que o nome teu gravado existe
No templo da memoria, e goza e sente
Os fulgores que Apollo em dár-te insiste.

SONETO

Aos annos da Illma. Sra. D. Escolastica Angelica Vareiro, no dia 3 de Fevereiro de 1831.

Elfire carinhosa, a natureza
Empenhou-se em formar tua alma pura;
Em ti depositou essa riqueza,
Que o tempo tornar sabe mais segura.

Murcha do rosto a singular belleza,
Entretanto que d'alma a formosura
Não receia das Parcas a fereza,
Illesa passa além da sepultura.

Contempla, Elfire, teu feliz destino,
Tu rendes corações com puro agrado,
Com elle captivaste ao bom Jozino.

Neste dia aos prazeres consagrado,
Eu te contemplo com valor divino
Pisando a inveja, rindo-te do fado.

SONETO

Ao annivèrsario do feliz consorcio da mesma Illma. Sra.

Quatro lustros e mais já são passados,
Que amor e hyminèo vivem unidos;
Em dous peitos leaes e enternecidos,
Que servem de modelo aos bem casados.

Terna Elfire, teus dotes sublimados,
Pelo tempo não podem ser vencidos;
Trovejem muito embora enfurecidos,
Nos feios antros os medonhos fados.

Sempre em serena paz, Elfire amante,
Teus dias passarás com teu consorte,
Na fé que te jurou sempre constante.

Se o teu peito e seu peito, em laço forte,
Ligados, vivem pelo Céo brilhante,
Tão sagrada união respeita a morte.

SONETO

Aos annos da Illma. Sra. D. Emilia Candida Vianna.

Como na Etherea Côrte fulgurante,
Cantão os Deoses todos á porfia,
Louvando com grandiloca harmonia,
Oh bella Emilia, teu natal brilhante!

Vôa d'aqui, d'ali Cupido errante,
Pensando nas venturas deste dia;
E, as palmas batendo, te annuncia
Que elle espera vencer por teu semblante.

Tu do thracio cantor rival mimosa,
Recebe do vendado o fausto agouro,
Exulta de prazer, nynfa formosa.

As Graças te franqueão seu thesoiro,
E Venus dos tèus dotes invejosa,
A seu pezar te cede o pomo d'oiro.

SONETO

Aos annos da Exma. Sra. Baroneza de Villa Bella.

Oh dia festival, plausivel dia!
A terra, á pura Armia consagrado,
Que, d'ethereo fulgor abrilhantado,
Infundes aos mortaes doce alegria.

Tu que outorgaste ao mundo a Bella Armia,
Que he d'Amor o triumpho, honra do Fado,
Em meus versos serás sempre cantado
Oh dia festival, plausivel dia.

Exulta a Natureza ao vêr a bella,
E á vista dos seus dotes sup'riores,
O proprio Deos d'amor, d'amor anhela.

São iguaes aos do Céo os seus fulgores,
Brincando e rindo estão em torno della
As Virtudes, as Graças e os Amores.

SONETO

Aos annos da Illma. Sra. D. Anna Balbina de Faro.

Que suave prazer minha alma sente
Da amizade no seio repousando!
Aqui vou teus louvores entoando
Oh meiga, oh pura Annalia, em som cadente.

Quanto he bello este dia refulgente
Que os annos teus nos vai annunciando!
Ah como entôa de Cithéra o bando,
Hymnos em teu louvor suavemente!

Tudo respira amor, tudo harmonia;
Mas eu, a ti ligada em laço estreito,
Sinto hum vivo transporte de alegria.

Annalia, eu vivo só por teu respeito,
E quando raiar vejo este almo dia,
Em prazer se desfaz meu terno peito.

SONETO

Aos annos da mesma Illma. Sra.

Exulta Musa minha, exulta, canta
Da linda Annalia os annos festejando,
Em quanto vou, na idéa, retratando
Sua alma terna, bemfazeja e santa.

Hum gesto divinal que a tudo encanta,
Hum expressivo olhar, férvido e brando;
Os dotes que em seu peito estão morando,
Onde d'amor a força se quebranta.

Hum portento tão raro de belleza,
De graças, de virtudes sup'riores,
Quem jámais vio em toda a Redondeza?

Merece Annalia, oh Musa, os teus louvores,
Ella he gloria e primor da natureza,
Colhe p'ra ella do Parnaso as flores.

SONETO

Á Duqueza de Goyaz.

Como vem magestosa a linda Aurora,
Em carro de saphira e d'oiro ornado!
Ufana-se de a vêr, e transportado
O Nitheroy do leito surge fóra:

Enlevado na luz que o enamora,
Sauda o dia sempre celebrado,
Deixando de prazer maravilhado
O Deos Neptuno, que em seu centro mora.

Oh Duqueza immortal, do mundo ornato,
Teu faustoso natal, ledo e ridente
Enche a todo o Brasil de prazer grato:

O Fado me predisse, elle não mente,
Que sendo tu de hum Deos fiel retrato,
Hum futuro te espera refulgente.

SONETO

Por occasiaõ da nomeaçaõ do Visconde da Laguna para General em Chefe do Exercito do Sul.

Rio Grande, és feliz, Lecór famoso,
O grande General, o sabio, o forte,
Brandindo a sua espada, qual Mavorte,
Vai injurias vingar, vai ser ditoso.

Ressachando o inimigo temeroso,
Ganhará da victoria a honrosa sorte;
E tu, que o amor de Pedro tens por norte,
Exulta de prazer, Rio Caudoso.

Elle te dá no Heróe potente e justo
Escudo impenetravel contra o crime.
Desterra, Patria minha, a dôr, o susto;

Dize d'hum grito só, que tudo anime:
Viva Pedro immortal, Inclito, Augusto;
Viva o grande Lecór, homem sublime.

SONETO

Ao Illm. Sr. José Eloy Ottoni, no dia seus annos.

Honra dos vates, immortal Josino,
Em vão, em vão da lyra as cordas fi
Porque desta sómente á força tiro
Rouco som que de ti se não faz dino.

Inveja tenho ao plectro verosino;
Pelo thracio cantor tambem suspiro,
Para cantar os dotès que eu admiro,
Dotes que tornão o teu ser divino.

Esmero singular da natureza,
Debalde minha musa pretendia,
Hum assumpto cantar de tal grandeza.

Ah! desculpa merece esta ousadia;
Mas, se queres valer-me nesta empresa
Dá-me teus sons, e cantarei teu dia.

SONETO

Aos annos do mesmo Illm. Sr.

Vate nasceste, divinal Josino,
Das nove irmãs d'Apollo rodeado;
Por ellas foste desde a infancia amado,
De Phebo recebendo hum dom divino.

D'Annalia viste o gesto peregrino,
E delle foste logo enamorado;
Amor tentou fazer-te desgraçado,
Mas por ti foi vencido o Deos malino.

Quebraste os ferros de crueis cadeias,
Das virtudes cantando os dons sob'ranos
Ao ser Eterno tua voz alteias.

Tu tens, Josino, dotes mais que humanos,
Tu que a chamma celeste n'alma ateias
Tranquillo vivirás felizes annos.

SONETO

**Ao feliz consorcio da Illma. Sra. D. Ca-
lina Sergio Velloso.**

Feliz, ditoso par, cuja alta sorte
Foi escripta por mão do Omnipotente
Vai gozar a ventura preeminente,
Ligado em sacro laço, estreito e forte

Em jubilos de amor, em seu transp
Hum a outro direi o que a alma sen
Jámais a vil traição, crime insolente
Chegue a manchar o peito do consorte

Tu, oh filha do Céo, santa amizade
Este vinculo estreita, precioso,
Outorga-lhe cabal felicidade.

Carolina gentil, teu terno esposo
De tua alma e teu ser seja a metad
Porque he digno de ti, de ser ditoso

SONETO

Á Illma. Sra. D. Anna Candida Fortunata.

Entre os braços da candida alegria
Subo, Annalia gentil, do Pindo ao cume,
E de Apollo alcançando ethereo lume
A louvar-te meu estro principia.

Raiou de novo o prazenteiro dia
Em que exulta de gloria o paphio Numen
Da mágoa longe, longe do queixume
Eu sinto, eu ouço delphica harmonia.

Da minha lyra as cordas afinando
Por influxo dos Deoses soberanos
Eu irei teus louvores decantando.

Espalhe amor mil bens entre os humanos
Venturas e prazeres outorgando,
No fausto dia de teus faustos annos.

SONETO

Á mesma Illma. Sra.

Não canto amores, nem belleza canto
Objectos mais sublimes cantar quero;
As virtudes d'Annalia, a quem venero,
Cantar eu vou, se acaso eu posso tan

Banhando as faces de prazer, em pran
A lyra tomo mas em vão tempero;
Porque me não consente o fado austero
Que neste dia vôe ao Pindo santo.

Tu, Josino, que lá tens franca entrad
Canta d'Annalia os dotes sup'riores,
Louva sua virtude sublimada;

Seja por ti tecidos seus louvores,
E se ella pelo Céo está dotada,
Cumpre que a ornes de brilhantes flor

SONETO

Feito por occasiaõ da revoluçaõ na Provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul, quando o partido legal pretendeu suffocal-a em Fevereiro de 1836.

Nos antros infernaes raivoso expira
O monstro da feroz democracia,
Exulta triumphante a Monarchia
Em quanto a torva furia a cauda estira.

Ao pé da sacra, da fumante Pyra
Se desfazem os raios da anarchia,
E do traidor enorme, a rebeldia
Nos peitos dos mortaes só odio inspira.

O que he vão por si mesmo se anniquila,
Florece a causa da Legalidade
E se arroja no abismo o novo Scilla.*

Existirá sem quebra a magestade
Todos sabem, ninguem jámais vacilla
Que não ha entre os homens igualdade.

---

* *Sómente* na crueldade.

SONETO

Ao Chefe dos anarchistas, inde
fortaleza de Itapoam na Pr
Rio Grande de S. Pedro do S

Da tua punição eis o mome
Acaba, oh monstro, em sanguin
Debalde buscas impinada serra,
Já não há para ti no mundo

Vai co'as aguas lutar sempre
Sevando o abutre que tenaz se
E deixa em paz a ensanguenta
Que tornaste em penoso monu

No baratro profundo vai nef
Monstro, só de ambição embri
A Plutão disputar o horrivel n

Morte a teu crime igual não de
Jove a nossa desgraça terminar
Quer que sejas, oh impio, fu

Ao mesmo.

QUADRA.

Maldição te seja dada
Bento infeliz, desvairado,
No Brasil, e em toda a parte
Será teu nome odiado.

GLOSA.

A ti que hum punhal violento
Cravaste na patria afflicta,
A ti a quem sempre irrita
Da virtude o luzimento,
A ti que dás o tormento
Dessas infernaes moradas,
Que tens feito desgraçadas
A mil familias de bem
Do alto Céo como a ninguem
Maldições te sejão dadas.

Chovão sobre ti os raios
Da Divina Providencia
E seja tua existencia
Passada em frios desmaios;
Nos mais cruentos ensaios
Sempre estejas engolfado,
Por querer do impio fado
Todos os males te assaltem
Té que os alentos te faltem
Bento infeliz, desvairado.

Recuse a terra ensopada
Em sangue, por ti, perjuro,
Dar a esse corpo impuro
Huma obscura morada;
Toda a gente horrorisada
Nem ousará nomear-te,
Ficando infeliz d'est' arte
Teu nome sem fama, e gloria
E de execravel memoria
No Brasil, e em toda a parte.

Até mesmo os filhos teus
O seu opprobrio chorando,
Te irão amaldiçoando
Entre os ais e os prantos seus;
Verás contra ti hum Deos
Por teus crimes irritado;
Como seguiste, malvado,
Dos impios todos os trilhos,
Até por teus proprios filhos
Será teu nome odiado.

QUADRA.

Triste, qual minha ventura,
Roxa, qual meu coração,
Mudamente, flor mimosa,
Exprimes minha paixão.

GLOSA.

Saudade, tristonha flor,
Quantos emblemas encerras,
Ora quando murcha, erras
De Eolo pelo furor;
Ora quando mais vigor
Dá-te a provida Natura,
De qualquer sorte, oh flor pura,
Vendo em ti meu mal estou,
Por que Jove te creou
Triste, qual minha ventura.

Vê-se a imagem da tristeza
Em ti sempre debuxada,
Mesmo d'Aurora orvalhada
Não se augmenta a belleza;
Imprimio-te a Natureza
Sinaes de minha afflicção,
Que triste recordação
A' minha idéa offereces,
Quando no valle appareces
Roxa, qual meu coração.

Oscillando entre os verdores
Das folhas que o pé te exornão,
Mostras que em vão nos adornão
Bellezas, graças e amores;
Tu, vivendo entre as mais flores,
Te mostras sempre saudosa,
Em vão purpurina rosa
Em teu seio se reclina,
Em vão te afagã a bonina
Mudamente, flor mimosa.

Tal eu, de meu bem distante,
Insensivel ao prazer,
A' dôr que me faz morrer,
Trago impressa em meu semblante;
Convulsiva e delirante,
Busco a triste solidão;
Se alguma consolação
Comtigo minha alma sente,
He porque tu mudamente
Exprimes minha paixão.

SONETO

Ao faustoso natalicio de S. M. I. o Se D. Pedro II, no dia 2 de Dezem de 1837.

O jubilo, Senhor, em que me inu
Me tolhe os vôos, e me abate o ca
Por mais de vezes cento a voz leva
Cantar pretendo teu natal jucundo.

Oh grande, oh immortal Pedro Seg
Louvar-te quero, mas não posso tan
Tu és obra do Céo sereno e santo,
Tu farás o esplendor do Novo Mun

Do maior dos Heróes seguindo o t
Salvarás ao Brasil que Pedro amava
Mostrando ser da patria hum digno

Dirão as margens que o Ipyranga
Não me surpr'hende deste Heróe o b
Que de tal Pai tal Filho se esperav

OITAVAS

Ao mesmo Augusto Senhor, e recitadas pela autora no Theatro da Cidade da Bahia, em 1837.

A Bahia feliz hoje te offerta
Hum sceptro puro e nitida corôa
Te offerta os corações do povo todo
E, talvez, nem assim te galardôa.

Retumba o bronze, precursor ridente
Do dia festival, trôa nos ares
Fluctuando o pendão auri-virente,
Ledos vivas se escutão a milhares;
Tu és, oh Pedro, nossa gloria ingente
Em nossos corações já tens altares,
Incenso puro com a mão liberta
A Bahia feliz hoje te offerta.

Prospera e brilha, oh astro Brasileiro,
Sempre isento do mal, do crime isento,
Do vastissimo Imperio do cruzeiro
Tu farás o completo luzimento;
Respeite o nome teu o mundo inteiro,
Toma posse, Senhor, do regio assento
E aceita do Brasil, que não recôa
Hum sceptro puro e nitida corôa.

O Indio adusto, que Brasil se chama,
Nova vida de ti espera ancioso,
Soffrendo da anarchia a cruel flamma
Está de perecer mui receoso;
Mas inda assim convulso, préza e ama
O nome teu, teu braço portentoso
E obstaculos vencendo com denodo,
Te offerta os corações do povo todo.

Excelso Principe, este povo fido.
De amor e de respeito penetrado,
Perante o solio teu vem hoje unido
O voto renovar que tem formado;
Submisso sempre, e sempre agradecido
Só anhela por ti ser governado,
Hymnos em teu louvor, ufano, entôa
E talvez nem assim te galardôa.

QUADRA.

Ao mesmo Augusto Senhor.

A fiel tropa bahiana
Jura ao Brasil, jura ao mundo,
Sustentar do Imperio as leis,
Defender Pedro Segundo.

GLOSA.

Exulta, patria querida,
A' vista da effigie amada
Que, sendo assás venerada,
Está na mente esculpida;
A Pedro amar nos convida
razão que não engana;
e adoral-o pois se ufana
sso invicto General,
povo grato e leal,
fiel tropa bahiana.

Tropa aguerrida e valente
Que a morte encara sem susto,
Vós sois por hum dever justo
Ao Monarcha obediente;
Vinde hoje reverente
Render hum culto profundo
A este que, sem segundo,
He já segundo na historia,
Não manchar a sua gloria
Jura ao Brasil, jura ao mundo.

Jura illesa conservar
Deste Imperio a integridade
Não consintas que a maldade
Nos possa alfim separar;
Este Imperio destroçar
Consentir jámais deveis,
O juramento sabeis,
Que prestastes á Nação:
Guardar a Constituição,
Sustentar o Imperio, as leis.

Sabias leis sempre serão
Cumpridas em nossa terra,
Embora cruenta guerra
Nos faça a torpe ambição;
Seja pois vosso brasão
Mostrar povo e tropa ao mundo
Que o nosso solo fecundo
Ha de ser afortunado,
Pois de novo haveis jurado
Defender Pedro Segundo.

SONETO

Feito na occasiaõ de minha entrada na Provincia da Bahia.

Oh Arbitro Supremo e Rei da Gloria,
Vós, meu unico bem, minha esperança,
Fazei que sempre, em placida bonança
Eu acabe esta vida transitoria.

Illustrai, Summo bem, minha memoria,
Prendei meu coração, que em vós descança,
Vós, que sois dos mortaes a segurança,
Concedei-me tambem alta victoria.

Graças a vós, meu Deos, por me salvare
Do tormentoso pélago profundo
E nesta vossa terra me lançares.

Dentro em meu coração, delle no fun
Vos queimo incenso, vos erijo altares.
Supremo Creador do vasto mundo.

SONETO

Feito na mesma occasiaõ.

Oh tu que do Brasil foste a primeira
Parte, por gente docil habitada,
Tu, Bahia, de Heróes patria adorada,
Magestosa provincia brasileira.

Recebe os cultos meus, sempre fagueira
Bem que nunca serás assaz louvada,
Formosa terra pelo Céo dotada,
Fecunda, salutar e hospitaleira.

Hum Deos te apparelhou propicia sorte,
Temer não deves fado carrancudo
Córão-te a frente Pallas e Mavorte.

Meu estro, ao contemplar-te, fica mudo
E apenas dizer posso, em meu transporte,
Bahia idolatrada, eu te saudo.

SONETO

Recebe caro Elmano o adeos mais triste
Que a amizade fiel póde enviar-te,
Meu terno coração que sabe amar-te,
Agora á dôr da ausencia não resiste.

Se outr'ora, junto a ti, leda me viste,
Meu estado he diverso, sem gozar-te
Anhelante por ti só posso achar-te
Nesta alma onde fiel sempre exististe.

Teus encantos na idéa debuxando
Me está constantemente o Deos vendado,
Porque vá meus tormentos augmentando.

Unidos contra mim amor e o fado,
Meus dias tenebrosos vão findando;
Morrerei sem jamais vêr-te a meu lado.

QUADRA.

Sem calor não vive a planta,
Murcha e perde a côr a rosa;
Assim desmaia a belleza,
Quando não he virtuosa.

GLOSA.

Vem a louçã Primavera,
Dando ao prado nova vida,
E a campina enriquecida
De seus dons, brilha e prospera.
Planta que murcha estivera,
Cobra o verdor com que encanta;
Já tem em si força tanta
Que toda em flores rebenta;
He Phebo quem a sustenta,
Sem calor não vive a planta.

Lá, quando o inverno medonho
Desdobra o manto gelado,
Perdendo a belleza o prado
Já se não mostra risonho.
O bosque fica tristonho,
Murchando a coma viçosa,
Muda sombra tenebrosa
Se espalha por toda a terra,
Nesta luta, nesta guerra,
Murcha e perde a côr a rosa.

Quem este quadro examina
Que abate a humana vaidade,
Só concede eternidade
A' porção que for Divina.
Observa, bella Rosina,
A marcha da Natureza;
Por lei de immensa grandeza
He ella sempre constante,
Bem como a rosa fragrante,
Assim desmaia a belleza.

Mas tu não temas, querida,
Tão funesta desventura;
Não póde a tua alma pura
Ser nesta lei comprehendida.
Tu estás enriquecida
Do dom, que no Céo se gosa;
Tu és em tudo formosa;
Teus dons o tempo não some;
Morre a belleza sem nome,
Quando não he virtuosa.

QUADRA.

Tu que és a honra dos vates,
Honra minha pobre lyra,
Para teus annos cantar,
Que he quanto minha alma aspira.

GLOSA.

O Serro Frio que vio
Teu brilhante nascimento
Sentio de contentamento
O que elle jámais sentio.
Venus ao filho pedio
Cessem hoje os teus combates,
Não quero, amor, que maltrates
…ste aureo dia os mortaes,
…ão tu podes mais,
…ue *és a honra dos vates.*

Pódes mudar meu destino
Fero, ingrato e caprichoso,
Pois teu estro portentoso
He mais que humano, he divino.
Quando em teus dons imagino
A minha alma só te admira,
E por mais que as cordas fira
A tosca lyra emmudece,
Josino, de ti carece
Honra a minha pobre lyra.

Dá-me benefico a mão,
E meu estro fraco anima,
Para que a phrase exprima
O sentir do coração.
De teus dons a profusão
Não he facil de expressar;
Tu me pódes emprestar
Do teu plectro o som cadente,
Para louvar-te contente
Para teus annos cantar.

Mas se teu alto sentir,
Que he sentir de preferencia,
De tudo conhece a essencia
Co' a causa sabe attingir,
Facil he de conseguir.
Que a tua razão infira
Que meu peito só suspira
Por dar-te hum culto elevado,
Para ver-te eternizado,
Que he quanto minha alma aspira.